

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura

## *Contos Paulistas*



Vicente de Carvalho

Valdomiro Silveira

Mário de Andrade

Alcântara Machado

Ribeiro Couto

Guilherme Figueiredo

Ruth Guimarães

Monteiro Lobato

Léo Vaz

Seleção, organização e digitação  
Iba Mendes



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Contos Paulistas

## *Antologia*

Seleção, organização e digitação  
Iba Mendes

---

Publicados em diferentes datas ao longo do século XX.

**Vicente de Carvalho** (1866—1924) - **Valdomiro Silveira** (1873—1941) - **Mário de Andrade** (1893—1945) - **Alcântara Machado** (1901—1935) **Ribeiro Couto** (1898—1963) - **Guilherme de Figueiredo** (1915—1997) - **Ruth Guimarães** (1920—2014) **Monteiro Lobato** (1882—1948) - **Léo Vaz** (1890—1973)

“Projeto Livro Livre”

**Livro 638**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2015  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta Antologia de contos: “*Contos Paulistas*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
*iba@ibamendes.com*  
*www.poeteiro.com*

## ÍNDICE

<i>Crianças</i> , por: Vicente de Carvalho.....	1
<i>Última carpa</i> , por: Valdomiro Silveira.....	8
<i>O poço</i> , por: Mário de Andrade.....	12
<i>Apólogo brasileiro sem véu de alegoria</i> , por: Alcântara Machado.....	26
<i>O bloco das mimosas borboletas</i> , por: Ribeiro Couto.....	31
<i>Missa de sétimo dia</i> , por: Guilherme Figueiredo.....	42
<i>A presença</i> , por: Ruth Guimarães.....	47
<i>O comprador de fazendas</i> , por: Monteiro Lobato.....	51
<i>O grêmio</i> , por Léo Vaz.....	63

# CRIANÇAS

VICENTE DE CARVALHO

Era o dia de S. José, daquele velho, barbudo, calvo São José, com a sua túnica vermelha caindo dos ombros, nas mãos o cajado de amendoeira milagrosamente abotoado em flores, e que, desde longínquos avós, de cuja memória já só ele restava, se mantinha como o santo predileto na devoção da família.

Era o seu dia, segundo a consagração do calendário. E, ao fundo do oratório aberto, destacado, dominando de toda a majestade da sua estatura de dois palmos uma corte de pequenas imagens secundárias, com um ramo fresco de lírios aos pés, o santo resplandecia no clarão da vela benta, piedosamente acesa em sua honra.

Ali estava ele, iluminado e glorioso, o bem-aventurado carpinteiro de Belém, escolhido por Deus, como o mais puro entre todos os homens puros, para depositário e guarda fiel da predestinada, fecunda virgindade de Nossa Senhora.

Segundo uma tradição remota e que vinha, de geração em geração, transmitida de pais a filhos, a velha e encardida imagem recebia pontualmente todos os anos, naquele dia que o calendário lhe destinava, uma singela homenagem de veneração, de confiança, e de amor, sob a forma de um ramo de lírios que se desfaziam em perfume aos seus pés, e de uma vela benta que ardia e se derretia em sua frente.

Os três pequenos, pilhando-se sozinhos, livres de qualquer intervenção adulta, tinham resolvido entre si dar uma busca ao interior do oratório, aberto. Jorge, o mais velho, concebera a idéia e dirigiu a ação. Era já um homenzinho de cinco anos, chefe natural e terrível do grupo. Fecundo em planos de travessuras, ousado na execução, distribuindo com mão forte e pródiga despojos e taponas, Jorge era acatado e seguido.

Puxou vigorosamente para junto da meia cômoda, em que assentava o oratório, uma cadeira; ergueu para esta o Joãozinho, cujos três anos eram ainda incapazes, sem apoio e sem auxílio, de altas cavalarias como essa.

— Agora você! disse com voz de comando, dirigindo-se à irmãzinha; e ajudou-a a subir. Em seguida, cumpridos os deveres de chefe, Jorge subiu por sua vez, colocando-se atrás dos outros dois.

E os três, encantados, puseram-se a examinar a um por um os sagrados moradores do oratório.

Havia um São Pedro, com os olhos cheios de arrependimento de ter negado o Divino Mestre, fitando vagamente o teto. Tinha na mão a chave dourada com que abre às almas dos eleitos as portas da bem-aventurança; e, a seus pés, o galo tradicional, talhada toscamente, abria as asas desiguais, esticava o pescoço, um pescoço exagerado de cegonha, e repousava sobre a túnica azul do santo a sua crista quase quadrada.

Fronteiro a S. Pedro, com o cordeirinho branco aos pés, a face rubicunda e moça, as pernas fluas até o joelho, S. João apoiava a mão esquerda na longa curva do seu cajado de pastor, e estendia o braço direito num gesto majestoso de bênção ou de prédica.

S. Francisco, dentro do seu comprido hábito negro, tinha um ar de suave humildade, com os olhos baixos, o rosto inclinado para o chão e emoldurado por umas enormes, incríveis barbas cor de chumbo.

Completava a coleção das pequenas imagens uma pequenina Senhora das Dores, doce figura de mãe angustiada, com o punhal simbólico cravado no coração até ao cabo, as mãos postas, os olhos aflitos e lacrimosos erguidos para o céu.

A primeira coisa que atraiu o olhar do mais pequeno foi o cordeirinho de S. João:

Um bicho! disse ele apontando com o dedinho esticado.

Não é bicho, corrigiu Jorge, é carneiro.

— Ele morde?

— Não, explicou o mais velho; só dá chifrada.

— Mas ele não tem chifres, interveio Vivi.

Jorge não gostou da objeção que infringia o respeito devido à sua autoridade em assuntos relativos aos animais. E retrucou:

— Tola! Ele dá chifrada com a cabeça.

— Eu tenho medo dele, disse Joãozinho.

— Não é carneiro de verdade, assegurou Jorge. Não se mexe. Quer ver?

Agarrou pelo pescoço o cordeirinho de São João, e puxou-o. A frágil massa partiu-se; e ficou solta na mão de Jorge a cabeça do animalzinho degolado.

— E agora? perguntou Vivi assustada. Eu não disse?

Vivi, note-se, nada tinha dito, àquele respeito.

Jorge, porém, era corajoso e resoluto; meteu rapidamente no bolso a parte arrancada do cordeiro, dizendo:

Não faz mal, eu escondo. Ninguém conte, hein?

Pouco preocupado com aquele incidente, tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de um objeto, Joãozinho olhava já atentamente para o galo posto aos pés de São Pedro.

— O que é aquilo? perguntou, desconhecendo a figura mal feita.

— É uma galinha, explicou Jorge.

— Eu quero a galinha! declarou Joãozinho.

— Não, acudiu Vivi. Aquilo é do santo.

— Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao irmão o galo de S. Pedro, com as pernas partidas, e sem a crista, que ficaram pregada à túnica azul do santo.

Vivi reparou na imagem da Senhora das Dores, por cuja face desbotada pela mágoa corriam lágrimas de sangue; e, comovida, perguntou:

— Por que será que ela está chorando?

Jorge explicou prontamente:

— Você não vê que ela está com a faca enterrada no peito?

— Coitada! murmurou Vivi. É melhor tirar a faca.

Jorge tirou a faca.

— Quem seria o mau que deu a facada? perguntou

Vivi.

— Foi o barbudo! opinou Joãozinho apontando para São Francisco.

Devia ter sido mesmo: São Francisco com a sua longa túnica negra, as suas enormes, incríveis barbas cor de chumbo, era a figura mais feia da coleção.

— Com certeza foi ele! concordou Vivi.

— Foi! decidiu Jorge. Pois vai de castigo.

E agarrando S. Francisco, meteu-o, preso, no vão escuro entre o oratório e a parede.

Chegara a vez de São José, que jazia, no lugar de honra, ao fundo do oratório.

Jorge, com uma erudição pitoresca, apanhada nas conversas em que a família, de quando em quando comentava o padroeiro, começou a instruir os irmãozinhos:

— Aquele é o marido de Nossa Senhora, é o pai do Menino-Deus. Mas o Menino-Deus não é filho dele, é filho do Espírito Santo, que é uma pombinha.

— É uma pombinha que anda nas folhas, em cima da bandeira, interrompeu Vivi.

— Eu já vi! disse com importância e orgulho o Joãozinho.

— Chama-se São José, continuou Jorge. Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino-Deus nasceu, apareceu uma estréia. Os pastores todos foram rezar. Foram também três reis. Um era preto...

— Um rei preto? estranhou Vivi.

— Preto sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

— E as princesas?

— As princesas, não; que boba! As princesas são umas moças muito bonitas, com cabelos de ouro, e uma estréia na testa... O outro rei mandou matar o Menino Deus...

— Por quê? perguntou Vivi.

Jorge hesitou. Na realidade, ele estava pouco a par 'las razões políticas de Herodes; mas não quis dar parte dc fraco, e, depois de refletir um momento, respondeu a Vivi:

— Ora, porque... Porque era um rei muito malvado.

— E mataram o Menino-Deus?

— Não puderam, capaz! S. Jorge pôs Nossa Senhora, com o Menino-Deus no colo, em cima de um burrinho finito manso, um burrinho ensinado; e todos três fugiram para outra terra...

Joãozinho, apertando na mão o galo arrancado a São Pedro, dobrara sobre a cômoda o braço, encostara a este a cabecinha loura, e cochilava, no aborrecimento daquela exposição de História Sagrada que Jorge ia cosendo de



farrapos. Mas a alusão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, espertou e teve um aparte:

— O santo está sujo.

Efetivamente. O tempo e a fumaça da vela benta, acendida sempre, durante anos e anos, no dia consagrado a São José, haviam encardido a imagem, desbotando-lhe as cores, envolvendo-a como numa poeira baça e gordurosa.

— É mesmo, disse Vivi reparando. Está muito sujo. Coitado, é preciso limpar ele.

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez descer da cadeira os irmãos. Afastou as pequenas imagens, e o ramo de lírios. Agarrou com a mão esquerda a peanha, e com a direita o pescoço de São Jorge. E, num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Daí a instante, São José estava no chão, sozinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enquanto vazava nela a água do jarro, ordenou a Vivi que trouxesse o sabão.

Sentaram-se os três. Joãozinho quis logo meter na bacia o galo. Mas Jorge suspendeu-lhe o braço, asseverando que não se põe as galinhas n'água, porque se afogam. E, segurando com todo o cuidado o barbudo, calvo, venerável São José, deu-lhe um- mergulho.

Agora, você! disse ele, dirigindo-se a Vivi; Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, pôs-se a ensaboar o santo.

Daí a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, São José tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquela austera calva tão lisa e tão lustrosa, aparecia salpicada de rubores que lembravam uma impingem...

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais forças. Vivi esfregou com energia. A massa molhada começou a esfarelar-se.

— E agora? perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que é que faziam os três traquinas, tão sossegados havia tanto tempo... Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestidinho branco as mãos molhadas das tintas diluídas da imagem de São José.

Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo apenas que ficara único senhor do campo, apoderou-se do santo, e pôs-se, muito entretido, a lambuzá-lo de sabão.

Encontrou-o a mãe nessa tarefa, a que se entregava conscienciosamente; e avançou para ele no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfarelar com todo o cuidado uma orelha de São José.

— Maroto! exclamou ela.

E ia fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestígios e destroços via no soalho e no oratório devastado, quando lhe acudiu a reflexão de que tudo aquilo não podia ser obra só do pequerrucho, de que houvera forçosamente no caso intervenção de mãos mais hábeis, de braço mais forte, de figura mais taludinha...

— Foi aquele pestinha! murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho aturdido a imagem escalavrada de São José; beijou-lhe os pés com palavras compungidas em que pedia perdão pelo sacrilégio dos filhos; e repôs o santo no seu oratório forrado de azul com estrelinhas de ouro, cercou-o da sua corte de pequenas imagens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava oculto, de castigo, no vão escuro...

Cumpridos esses atos de piedade, voltou-se para Joãozinho, que apanhara do soalho o galo de São Pedro, e conservava-o na mão:

— Você fez uma coisa muito feia, e vai apanhar, e vai para o quarto escuro...

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

— Não, não mamãe!... Não mamãe!...

Ela porém, muito enérgica:

— Escolha: ou apanha, ou vai para o quarto escuro!

— Joãozinho fitou-a. Percebeu no rosto severo da mãe — que não escapava mesmo. Ora ele nunca tinha apanhado — e conhecia já o quarto escuro. Escolheu, choramingando:

— O quarto escuro, não...

— Vá então buscar o chinelo, para apanhar.

Joãozinho foi, vagaroso, de cabeça baixa, como um criminoso que era. Quando voltou, trazia sempre, na mão esquerda, o galo de São Pedro; e empunhava na direita um pé dos chinelinhos... de Vivi.

— Com este, sim? implorou.

E ia entregar o quase inofensivo instrumento do suplício — quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... E com o rosto aflito, os olhos suplicantes, numa vozinha entrecortada, de susto e de choro:

— Eu mesmo me dou, sim, Mamãe? Eu me dou com força. Eu prometo que me dou com toda a força!

# ÚLTIMA CARPA

VALDOMIRO SILVEIRA

O cançã não fugiu do trato: fez, no talhão marcado, as duas primeiras limpas, com trabalho horrível porque a trapoerada e o marmelada estavam altos, o picão florescido, o caruru de semente, e o ora-pronobis com grande viço de fartura e de sombra. O administrador não teve incômodos: antes do romper do sol escutavam-lhe a voz entre as ruas do cafezal, e o anúncio da noite já era bem negro no céu, quando aquela voz cessava.

A tempo e hora, foram feitas as replantas; os cafeeiros aparados tiveram ligeira poda; aos mais velhos foram tiradas as saias; e, por último, o Cancã chegou terra a cada pé, quebrando galhos secos, amassando ramagens e folhas. A não ser a galinhada de sua cria, e algum tizio ou patativo assustado, quando não um bando errante de papagaios curraleiros, não tinha companhia no serviço.

Afizera-se bem à vida solitária: vivia em qualquer rancho de sapé, com a purunga de água e as vasilhas de mantimentos, anos e anos, aturando empreitadas desconformes, pouco se lhe dando das festas que faziam na capela. Agora, como a terra ajudava, teve licença de plantar no café novo, e arranjara um pouco de tudo: feijão e milho, mangarito e abóbora, mandioca e gergelim.

Mão abençoada era aquela! O feijão, que por toda parte andava sofrendo o rigor da seca, e mal embainhara e granara, chocando lamentavelmente, viera-lhe às mil maravilhas, enrodilhara bem, alastrara pelo chão, pesado de vagens cheias; as bonecas do milho davam bom jeito; o mangarito enfeixara-se todo, como um pequenino capão; e até a mandioca vassourinha, que todos diziam ser novata por aqueles cantos, frondejava em rica vitória de força e frescura.

O administrador, que era cabroche enjoado e intiquento, varava horas e horas o olhar para as plantas do Cancã, entusiasmado, chegando a dizer-lhe frases de meia adulação:

— Home! Você tá superado p'ra temperar um chãozinho! Jugou as sementes e deitou as ramas, e não teve batimento nem um de pacuera, porque tudo rompeu direito, que foi uma boniteza!

o Cancã tratava de atenuar os gabos, muito modesto:

— Qual nada! Daqui p'ra deante é que é o feio! Um pé de vento pode ainda derrubar o cateto; uma tempestade de muitos dias é capaz de estragar o mulatinho; o gergelim não tá livre de estorar fora do tempo, co'este solão que tem havido; a abób'ra ás vez fica um horror, de aguada...

O administrador apartava-se, contemplava de longe o porte, a verdura do milharal, andava um tanto, voltava-se outra vez, desaparecia para tornar no dia seguinte, menos por tomar fé no estado do talhão que por se entreter com a roça do empreiteiro. O Cancã era um simples, um largado; mas não faltou quem o advertisse:

— Olhe, que o Veríssimo tá aguando p'ro amor de as suas plantas. E fique sabendo que aquilo é um gaudério dos mais piores que Deus pohnou neste mundo: um larifo excumungado, que tem fel no logar onde os outros tenham o coiração!

Para o Cancã, tudo era nada: não lhe passava pela mente que o Veríssimo fosse capaz de cobiçar-lhe as posses, quando tinha de seu, a par com a fazenda do patrão, um sítio encantado, de bom. A inveja é para os fracos; é para os que não acham encosto nem valedouro em ninguém; é para os que muito querem e nada podem... Não atentava nos ditérios e conselhos dos outros parceiros ou camaradas: ia enfiando os dias, calmo e confiante, à espera da quebra do milho e do malhar do feijão, das mais tardias feituradas do polvilho azedo e da farinha de beju.

Aproximava-se a lua da última carpa do talhão. O Cancã cuidou do que relevava na própria roça, porque não tivesse de interromper a limpa do café para olhar pelo que era de casa, afiou as enxadas, encabou-as de novo, esperou. Houve uma chuva atrasada, que se prolongou por dias e, depois, calor de fornalha. Parecia levantar-se da terra, às horas mais quentes, fumaça clara com vivos de fogo, que tremia e dava tonturas; os coleirinhos, que de manhã esvoaçavam pela erva em bandos turbulentos, aquietavam-se entre as árvores das capoeiras, cansados e silenciosos: e era tão áspero, na transparência dos ares, o rouquejar dos caranchos, que se imaginava estar ouvindo a cada instante, uma trovoadada longínqua.

Certo dia, por volta de uma da tarde, o Cancã teve que abrir mão do eito: doíam-lhe os olhos, um forte peso nas costas o arcava para a frente, sentia frouxas as pernas e os braços bambos. Deu parte da doença ao administrador:

— Seo Veríssimo, vim-lhe dar definição de um caso que me sucede. Hoje eu arreio um tiquinho: tou morrinhento, não sei do que, mas porém me representa que panhei um ramo de influência: preciso de beber um café com limão e suar algum pouco. Vou p'ro rancho.

O outro mostrou-se compadecido:

— Ora já se viu só que infalência tão sem graça, esta agora, quando a gente véve apurada duma vez, por via do patrão que tá chega-não-chega! Não há de ser nada: cuide premeiro do corpo, depois vigie os tratadas.

Retirando para o ermo, a um lado do talhão, junto já da capoeira, viu o Cancã que um curiango dos grandes se desmanchou no carreadouro, debatendo as asas longas, e abriu o vôo curvo para a escuridão de u'a moita de mamoneiros. Entristeceu-se:

— Não mal-agoure um pobre, pass'ó triste! Eu não quero bater o trinta e um ainda: tou muito moço, coitado de mim!

Entrou no rancho, ingeriu a xapoeirada, acomodou-se. As ripas da cumiada estreitaram-se, baixaram, entrançadas de sapé muito escuro e muito quente, abafaram no com o peso. Onças irosas miaram pelos arredores. Jaguariaivas malcriados ladraram ao doente, ensurdecendo-o, atormentando-o. Um desconhecido sacou de uma azagaia, com feições ferozes, e ia cravar-lh'a no peito, quando, a romper-lhe o delírio, veio dizer o administrador:

— Antão, como vai essa quitanda? A mó' que já tá cuo semblante mais sussegado!

O Cancã levantou-se num dos quadris:

— Agora, louvado Deus, tou tendo u'a melhorinha! Aminhã garro cedo no serviço.

Não mancava nem torcia nas promessas: logo ao alvorecer, de feito, achou-se no talhão da empreitada. Mas havia gente a fazer aquela última carpa, e ele admirou-se:

— Como é, seu Veríssimo? Pois este talhão é meu ou não é meu?

O Veríssimo olhou-o de alto, muito sério, duramente:

— Já foi seu: como houve apuro, e você teve sua manha, entreguei p'r'outro.

— E as minhas plantas, seu Veríssimo?

— As plantas do empreiteiro que larga o serviço, de quem é que são? São do que manda na terra!

O Cancã fez-se lívido e pegou a tremer. Contem- piou demoradamente, com amor e quase já com saudade, a verdura tenra dos arbustos. Funda tristeza principiou a tremer-lhe o coração e os olhos. Levou-os ao céu, que se ria todo azul e sem nuvens, e, caindo na crueldade do mundo, implorou com humildade de cachorro, que rasteja e lambe os pés do senhor:

— Por tudo quanto é segrado, patrão, não me tire as minhas plantas! Ao menos me dê licença p'ra mim fazer a colheira: eu acupo só por mais uns dias o rancho, e depois mexo!

Mas o Veríssimo fechou-se no dito. E houve tanta lágrima, e tanta queixa, e tanta importunação, que mais tarde, como já desse de pretejar a barra do céu, e a teima não cessasse, foi preciso chamar uma escolta de seis soldados, que mandou sair aquele vagabundo, desaforado e cabeçudo, para além das porteiras da fazenda...

# O POÇO

MÁRIO DE ANDRADE

Ali pelas onze horas da manhã o velho Joaquim Prestes chegou no pesqueiro. Embora fizesse força em se mostrar amável por causa da visita convidada para a pescaria, vinha mal-humorado daquelas cinco léguas de forcinho cabritando na estrada péssima. Aliás o fazendeiro era de pouco riso mesmo, já endurecido por setenta e cinco anos que o mumificavam naquele esqueleto agudo e taciturno.

O fato é que estorara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Moji pra pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fora dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família — gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. Agora Joaquim Prestes desbravava pesqueiros na barranca fácil do Moji. Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico, viajado, meio sem quefazer, desbravava outros matos.

Fora o introdutor do automóvel naquelas estradas, e si o município agora se orgulhava de ser um dos maiores produtores de mel, o devia ao velho Joaquim Prestes, primeiro a se lembrar de criar abelhas ali. Falando o alemão (uma das suas “iniciativas” goradas na zona) tinha uma verdadeira biblioteca sobre abelhas. Joaquim Prestes era assim. Caprichosíssimo, mais cioso de mando que de justiça, tinha a idolatria da autoridade. Pra comprar o seu primeiro carro fora à Europa, naqueles tempos em que os automóveis eram mais europeus que americanos. Viera uma “autoridade” no assunto. E o mesmo com as abelhas de que sabia tudo. Um tempo até lhe dera de reeducar as abelhas nacionais, essas “porcas” que misturavam o mel com a samora. Gastou anos e dinheiro bom nisso, inventou ninhos artificiais, cruzou as raças, até fez vir umas abelhas amazônicas. Mas si mandava nos homens e todos obedeciam, se viu obrigado a obedecer às abelhas que não se educaram um isto. E agora que ninguém falasse perto dele numa inocente jeteí, Joaquim Prestes xingava. Tempo de florada no cafezal ou nas fruteiras do pomar maravilhoso, nunca mais foi feliz. Lhe amargavam penosamente aquelas mandaçaias, mandaguaris, bijuris que vinham lhe roubar o mel da *Apis Meilifica*.

E tudo o que Joaquim Prestes fazia, fazia bem. Automóveis tinha três. Aquela marmon de luxo pra levar da fazenda à cidade, em compras e visitas. Mas como fosse um bocado estreita para que coubessem à vontade, na frente, ele choferando e a mulher que era gorda (a mulher não podia ir atrás com o mecânico, nem este na frente e ela atrás) mandou fazer uma *rolls-royce* de encomenda, com dois assentos na frente que pareciam poltronas de hol, mais de cem contos. E agora, por causa do pesqueiro e da estrada nova, comprara o



fordinho cabritante, todo dia quebrava alguma peça, que o deixava de mau humor.

Que outro fazendeiro se lembrara mais disso! Pois o velho Joaquim Prestes dera pra construir no pesqueiro uma casa de verdade, de tijolo e telha, embora não imaginasse passar mais que o claro do dia ali, de medo da maleita. Mas podia querer descansar. E era quase uma casa-grande se erguendo, quarto do patrão, quarto pra algum convidado, a sala vasta, o terraço telado, tela por toda a parte pra evitar pernilongos. Só desistiu da água encanada porque ficava um dinheirão. Mas a casinha, por detrás do bangalô, até era luxo, toda de madeira aplainada, pintadinha de verde pra confundir com os mamoeiros, os porcos de raça por baixo (isso de fossa nunca!) e o vaso de esmalte e tampa. Numa parte destocada do terreno, já pastavam no capim novo quatro vacas e o marido, na espera de que alguém quisesse beber um leitezinho caracu. E agora que a casa estava quase pronta, sua horta folhuda e uns girassóis na frente, Joaquim Prestes não se contentara mais com a água da geladeira, trazida sempre no forde em dois termos gordos, mandara abrir um poço.

Quem abria era gente da fazenda mesmo, desses camaradas que entendem um pouco de tudo. Joaquim Prestes era assim. Tinha dez chapéus estrangeiros, até um panamá de conto de réis, mas as meias, só usava meias feitas pela mulher, “pra economizar” afirmava. Afora aqueles quatro operários ali, que cavavam o poço, havia mais dois que lá estavam trabucando no acabamento da casa, as marteladas monótonas chegavam até a fogueira. E todos muito descontentes, rapazes de zona rica e bem servida de progresso, jogados ali na ceva da maleita. Obedeceram, mandados, mas corroídos de irritação.

Só quem estava maginando que enfim se arranjava na vida era o vigia, esse caipira da gema, bagre sorna dos alagados do rio, maleiteiro eterno a viola e rapadura, mais a mulher e cinco famílias enfezadas. Esse agora, se quisesse tinha leite, tinha ovos de legornes finas e horta de semente. Mas lhe bastava imaginar que tinha. Continuava feijão com farinha, e a carne-seca do domingo.

Batera um frio terrível esse fim de julho, bem diferente dos invernos daquela zona paulista, sempre bem secos nos dias claros e solares, e as noites de uma nitidez sublime, perfeitas pra quem pode dormir no quente. Mas aquele ano umas chuvas diluviais alagavam tudo, o couro das carteiras embolorava no bolso e o café apodrecia no chão.

No pesqueiro o frio se tornara feroz, lavado daquela umidade maligna que, além de peixe, era só o que o rio sabia dar. Joaquim Prestes e a visita foram se chegando pra fogueira dos camaradas, que logo levantaram, machucando chapéu na mão, bom-dia, bom-dia. Joaquim tirou o relógio do bolso, com muita calma, examinou bem que horas eram. Sem *censura aparente, perguntou aos camaradas si ainda não* tinham ido trabalhar.

Os camaradas responderam que já tinham ido sim, mas que com aquele tempo quem aguentava permanecer dentro do poço continuando a perfuração! Tinham ido fazer outra coisa, dando u'a mão no acabamento da casa.

— Não trouxe vocês aqui pra fazer casa. Mas que agora estavam terminando o café do meio-dia. Espaçavam as frases, desapontados, principiando a não saber nem como ficar de pé. Havia silêncios desagradáveis. Mas o velho Joaquim Prestes impassível, esperando mais explicações, sem dar sinal de compreender nem de desculpar ninguém. Tinha um era o mais calmo, mulato desempenado, fortíssimo, bem escuro na cor. Ainda nem falara. Mas foi esse que acabou inventando um jeito humilhante de disfarçar a culpa inexistente, botando um pouco de felicidade no dono. De repente contou que agora ainda ficara mais penoso o trabalho porque enfim já estava minando água. Joaquim Prestes ficou satisfeito, era visível, e todos suspiraram de alívio.

— Mina muito?

— A água vem de com força, sim senhor.

— Mas percisa cavar mais.

— Quanto chega?

— Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo.

— Parmo e meio, Zé.

O mulato virou contrariado para o que falara, um rapaz branco, enfezadinho, cor de doente.

— Ocê marcou, mano...

— Marquei sim.

— Então com mais dois dias de trabalho tenho água suficiente.

Os camaradas se entreolharam. Ainda foi o José quem falou:

— Quer dizer..., a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo, só o mano que é leviano pode descer.

— Quanto mede?

— Quarenta e cinco palmo.

Papagaio! escapou da boca de Joaquim Prestes. Mas ficou muito mudo, na reflexão. Percebia-se que ele estava lá dentro consigo, decidindo uma lei. Depois meio que largou de pensar, dando todo o cuidado lento em fazer o

cigarro de palha com perfeição. Os camaradas esperavam, naquele silêncio que os desprezava, era insuportável quase. O rapaz não conseguiu se aguentar mais, como que se sentia culpado de ser mais leve que os outros. Arrancou:

— Por minha causa não, Zé, que eu desço bem.

José tornou a se virar com olhos enraivecidos pro irmão. Ia falar, mas se conteve enquanto outro tomava a dianteira.

— Então ocê vai ficar naquela dureza de trabalho com essa umidade!

Si a gente pudesse revezar inda que bem..., murmurou o quarto, também regularmente leviano de corpo mas nada disposto a se sacrificar. E decidiu:

— Com essa chuarada a terra tá mole demais, e si afunda!... Deus te livre...

Aí José não pôde mais adiar o pressentimento que o invadia e protegeu o mano:

— ‘cê besta, mano! e sua doença!...

A doença, não se falava o nome. O médico achara que o Albino estava fraco do peito. Isso de um ser mulato e o outro branco, o pai espanhol primeiro se amigara com uma preta do litoral, e quando ela morrera, mudara de gosto, viera pra zona da Paulista casar com moça branca. Mas a mulher morrera dando à luz o Albino, e o espanhol, gostando mesmo de variar, se casara mas com a cachaça. José, taludinho, inda aguentou-se bem na orfandade, mas o Albino, tratado só quando as colonas vizinhas lembravam, Albino comeu terra, teve tifo, escarlatina, desinteria, sarampo, tosse comprida. Cada ano era uma doença nova, e o pai até esbravejava nos janeiros: “Que enfermidade le falta, caramba!” e bebia mais. Até que desapareceu pra sempre.

Albino, nem que fosse pra demonstrar a afirmativa do irmão, teve um acesso forte de tosse. E Joaquim Prestes:

— Você acabou o remédio?

— Inda tem um poucadinho, sim sinhô.

Joaquim Prestes mesmo comprava o remédio do Albino e dava, sem descontar no ordenado. Uma vidraça que o rapaz quebrara, o fazendeiro descontou os três mil e quinhentos do custo. Porém montava na marmon, dava um pulo até a cidade só pra comprar aquele fortificante estrangeiro, “um dinheirão!” resmungava. E eram mesmo dezoito mil-réis.

Com a direção da conversa, os camaradas perceberam que tudo se arranjava pelo melhor. Um comentou

— Não vê que a gente está vendo si o sol vem e seca um pouco, mode o Albino descer no poço.

Albino, se sentindo humilhado nessa condição de doente, repetiu agressivo:

— Por isso não que eu desço bem! já falei...

José foi pra dizer qualquer coisa mas sobres teve o impulso, olhou o mano com ódio. Joaquim Prestes afirmou:

— O sol hoje não sai.

O frio estava por demais. O café queimando, servido pela mulher do vigia, não reconfortava nada, a umidade corroía os ossos. O ar sombrio fechava os corações. Nenhum passarinho voava, quando muito algum pio magoado vinha botar mais tristeza no dia. Mal se enxergava o aclave da barranca, o rio não se enxergava. Era aquele arminho sujo da névoa, que assim de longe parecia intransponível.

A afirmação do fazendeiro trouxera de novo um som apreensivo no ambiente. Quem concordou com ele foi o vigia chegando. Só tocou de leve no chapéu, foi esfregar forte as mãos, rumor de lixa, em cima do fogo. Afirmou baixo, com voz taciturna de afeiçoado àquele clima ruim:

— Peixe hoje não dá.

Houve silêncio. Enfim o patrão, o busto dele foi se erguendo impressionantemente agudo, se endireitou rijo e todos perceberam que ele decidira tudo. Com má vontade, sem olhar os camaradas, ordenou:

— Bem... é continuar todos na casa, vocês estão ganhando.

A última reflexão do fazendeiro pretendia ser cordial. Mas fora navalhante. Até a visita se sentiu ferida. Os camaradas mais que depressa debandaram, mas Joaquim Prestes:

Você me acompanhe, Albino, quero ver o poço.

Ainda ficou ali dando umas ordens. Havia de tentar uma rodada assim mesmo. Afinal jogou o toco do cigarro na fogueira, e com a vista se dirigiu para a elevação a uns vinte metros da casa, onde ficava o poço.

Albino já estava lá, com muito cuidado retirando as tábuas que cobriam a abertura. Joaquim Prestes, nem mesmo durante a construção, queria que caíssem “coisas” na água futura que ele iria beber. Afinal ficaram só aquelas tábuas largas, longas, de cabreúva, protegendo a terra do rebordo do perigo de esbarrondar. E mais aquele aparelho primário, que “não era o elegante,

definitivo”, Joaquim Prestes foi logo explicando à visita, servindo por agora pra descer os operários no poço e trazer terra.

— Não pise aí, nhô Prestes! Albino gritou com susto.

Mas Joaquim Prestes queria ver a água dele. Com mais cuidado, se acorrou numa das tábuas do rebordo e firmando bem as mãos em duas outras que atravessavam a boca do poço e serviam apenas pra descanso da caçamba, avançou o corpo pra espiar. As tábuas abaularam. Só o viram fazer o movimento angustiado, gritou:

— Minha caneta!

Se ergueu com rompante e sem mesmo cuidar de sair daquela bocarra traiçoeira, olhou os companheiros, indignado:

— Essa é boa!... Eu é que não posso ficar sem a minha caneta-tinteiro! Agora vocês hão de ter paciência, mas ficar sem minha caneta é que eu não posso! têm que descer lá dentro buscar! Chame os outros, Albino e depressa! que com o barro revolvido como está, a caneta vai afundando!

Albino foi correndo. Os camaradas vieram imediatamente, solícitos, ninguém sequer lembrava mais de fazer corpo mole nem nada. Pra eles era evidente que a caneta tinteiro do dono não podia ficar lá dentro. Albino já tirava os sapatões e a roupa. Ficou nu num timo da cintura pra cima, arregaçou a calça. E tudo, num átimo, estava pronto, a corda com o nó grosso pro rapaz firmar os pés, afundando na escuridão do buraco. José mais outro, firmes, seguravam o cambito. Albino com rapidez, pegou na corda, se agarrou nela, balanceando no ar. José olhava, atento:

— Cuidado, mano

— Vira.

— Albino...

— Nhô?

veja si fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro...

— Então é melhor botar um pau na corda pra fincar os pé.

— Qual, mano! vira isso logo!

José e o companheiro viraram o cambito. Albino desapareceu no poço. O sarilho gemeu, e à medida que a corda se desenrolava o gemido foi aumentando, aumentando, até que se tornou num uivo lancinante. Todos estavam atentos,

até que se escutou o grito de aviso do Albino, chegado apenas uma queixa até o grupo. José parou o manejo e fincou o busto no cambito.

Era esperar, todos imóveis. Joaquim Prestes, mesmo o outro camarada espiavam, meio esquecidos do perigo da terra do rebordo esbarrondar. Passou um minuto, passou mais outro minuto, estava desagradabilíssimo. Passou mais tempo, José não se conteve. Segurando firme só com a mão direita o cambito, os músculos saltaram no braço magnífico, se inclinou quanto pôde na beira do poço:

— Achoooooou!

Nada de resposta.

— Achou, manooooo!...

Ainda uns segundos. A visita não aguentara mais aquela angústia, se afastara com o pretexto de passear. Aquela voz de poço, um tom surdo, ironicamente macia que chegava aqui em cima em qualquer coisa parecia com um “não”. Os minutos passavam, ninguém mais se aguentava na impaciência. Albino havia de estar perdendo as forças, grudado naquela corda, de cócoras, passando a mão na lama coberta de água.

— José...

— Nhô. Mas atentando onde o velho estava, sem mesmo esperar a ordem, José asperejou com o patrão:

— Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá solta! Joaquim Prestes se afastou de má vontade. Depois

continuou:

— Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. José mais que depressa deu a ordem. A corda bambeou. E agora, aliviados, os operários entre-conversavam. O magruço, que sabia ler no jornal da vendinha da estação, deu de falar, o idiota, no caso do “Soterrado de Campinas”. O outro se confessou pessimista, mas pouco, pra não desagradar o patrão. José mudo, cabeça baixa, olho fincado no chão, muito pensando. Mas a experiência de todos ali, sabia mesmo que a caneta-tinteiro se metera pelo barro mole e que primeiro era preciso esgotar a água do poço. José ergueu a cabeça, decidido:

— Assim não vai não, nhô Joaquim Prestes, percisa secar o poço.

Aí Joaquim Prestes concordou. Gritaram ao Albino que subisse. Ele ainda insistiu uns minutos. Todos esperavam em silêncio, irritados com aquela teima do

Albino. A corda sacudiu, chamando. José mais que depressa agarrou o cambito e gritou:

— Pronto!

A corda enrijou retesada. Mesmo sem esperar que o outro operário o ajudasse, José com músculos de amor virou sozinho o sarilho. A mola deu aquele uivo esganado, assim virada rápido, e veio uivando, gemendo.

— Vocês me engraxem isso, que diabo!

Só quando Albino surgiu na boca do poço o sarilho parou de gemer. O rapaz estava que era um monstro de lama. Pulou na terra firme e tropeçou três passos, meio tonto. Baixou muito a cabeça sacudida com estertor purrr! agitava as mãos, os braços, pernas, num halo de lama pesada que caía aos ploques no chão. Deu aquele disfarce pra não desapontar:

— Puta frio!

Foi vestindo, sujo mesmo, com ânsia, a camisa, o pulôver esburacado, o paletó. José foi buscar o seu próprio paletó, o botou silencioso na costinha do irmão. Albino o olhou, deu um sorriso quase alvar de gratidão. Num gesto feminino, feliz, se encolheu dentro da roupa, gostando.

Joaquim Prestes estava numa exasperação terrível, isso via-se. Nem cuidava de disfarçar para a visita. O caipira viera falando que a mulher mandava dizer que o almoço do patrão estava pronto. Disse um “Já vou” duro, continuando a escutar os operários. O magruço lembrou buscarem na cidade um poceiro de profissão. Joaquim Prestes estrilou. Não estava pra pagar poceiro por causa duma coisa à toa! que eles estavam com má vontade de trabalhar! esgotar poço de pouca água não era nenhuma áfrica. Os homens acharam ruim, imaginando que o patrão os tratara de negros. Se tomaram dum orgulho machucado. Foi o próprio magro, mais independente, quem fixou José bem nos olhos, animando o mais forte, e meio que perguntou, meio que decidiu:

Bamo!...

Imediatamente se puseram nos preparos, buscando o balde, trocando as tábuas atravessadas por outras que aguentassem peso de homem. Joaquim Prestes e a visita foram almoçar.

Almoço grave, apesar o gosto farto do dourado. Joaquim Prestes estava árido. Dera nele aquela decisão primária, absoluta de reaver a caneta-tinteiro hoje mesmo. Pra ele, honra, dignidade, autoridade não tinha gradação, era uma só: tanto estava no custear a mulher da gente como em reaver a caneta-tinteiro. Duas vezes a visita, com ares de quem não sabe, perguntou sobre o poceiro da

cidade. Mas só o forde podia ir buscar o homem e Joaquim Prestes, agora que o vigia afirmara que não dava peixe, tinha emburrado, havia de mostrar que, no pesqueiro dele, dava. Depois, que diabo! os camaradas haviam de secar o poço, uns palermas! Estava numa desesperada. Botando a culpa nos operários, Joaquim Prestes como que distrai a culpa de fazê-los trabalhar injustamente.

Depois do almoço chamou a mulher do vigia, mandou levar café aos homens, porém que fosse bem quente. Perguntou si não havia pinga. Não havia mais, acabara com a friagem daqueles dias. Deu de ombros. Hesitou. Ainda meio que ergueu os olhos pra visita, consultando. Acabou pedindo desculpa, ia dar uma chegadinha até o poço pra ver o que os camaradas andavam fazendo. E não se falou mais em pescaria.

Tudo trabalhava na afobação. Um descia o balde. Outro, com empuxões fortes na corda, afinal conseguia deitar o balde lá no fundo pra água entrar nele. E quando o balde voltava, depois de parar tempo lá dentro, vinha cheio apenas pelo terço, quase só lama. Passava de mão em mão pra ser esvaziado longe e a água não se infiltrar pelo terreno do rebordo. Joaquim Prestes perguntou si a água já diminuía. Houve um silêncio emburrado dos trabalhadores. Afinal um falou com rompante:

— Quá!...

Joaquim Prestes ficou ali, imóvel, guardando o trabalho. E ainda foi o próprio Albino, mais servil, quem inventou:

— Si tivesse duas caçamba...

Os camaradas se sobressaltaram, inquietos, se entreolhando. E aquele peste de vigia lembrou que a mulher tinha uma caçamba em casa, foi buscar. O magruço, ainda mais inquieto que os outros, affiançou

— Nem com duas caçambas não vai não! é lama por demais tá minando muito.

Ai o José saiu do seu silêncio torvo pra pôr as coisas às claras

— De mais a mais, duas caçambas precisa ter gente lá dentro, Albino não desce mais.

— Quê que tem, Zé! deixa de história! Albino meio que estorou.

De resto o dia aquentara um bocado, sempre escuro, nuvens de chumbo tomando o céu todo. Nenhum pássaro.

Mas a brisa caíra por volta das treze horas, e o ar curto deixava o trabalho aquecer os corpos movidos. José se virara com tanta indignação para o mano, todos viram:



mesmo com desrespeito pelo velho Joaquim Prestes, o Albino ia tomar com um daqueles cachações que apanhava quando pegado no truco ou na pinga. O magruço resolveu se sacrificar, evitando mais aborrecimento. Interferiu rápido

— Nós dois se reveza, José! Desta eu que vou.

O mulato sacudiu a cabeça, desesperado, engolindo raiva. A caçamba chegava e todos se atiravam aos preparativos novos. O velho Joaquim Prestes ali, mudo, imóvel. Apenas de vez em quando aquele jeito lento de tirar o relógio e consultar a claridade do dia, que era feito uma censura tirânica, pondo vergonha, remorso naqueles homens.

E o trabalho continuava infrutífero, sem cessar. Albino ficava o quanto podia lá dentro, e as caçambas, lentas, naquele exasperante ir e vir. E agora a sarilho deu de gritar tanto que foi preciso botar graxa nele, não se suportava aquilo. Joaquim Prestes mudo, olhando aquela boca de poço. E quando Albino não se aguentava mais o outro magruço o revezava. Mas este depois da primeira viagem, se tomara dum medo tal, se fazia lerdo de propósito, e era recomendações a todos, tinha exigências. Já por duas vezes falara em cachaça.

Então o vigia lembrou que o japonês da outra margem tinha cachaça à venda. Dava uma chegadinha lá, que o homem também sempre tinha algum trairão de rede pegado na lagoa.

Aí Joaquim Prestes se destemperou por completo. Ele bem que estava percebendo a má vontade de todos. Cada vez que o magruço tinha que descer eram cinco minutos, dez mamparreando, se despia lento. Pois até não se lembrara de ir na casinha e foi aquela espera insuportável pra ninguém! (E o certo é que a água minava mais forte agora, livre da muita lama. O dia passava. E uma vez que o Albino subiu, até, contra o jeito dele, veio irritado, porque achara o poço na mesma.)

Joaquim Prestes berrava, fulo de raiva. O vigia que fosse tratar das vacas, deixasse de invencionice! Não pagava cachaça pra ninguém não, seus imprestáveis! Não estava pra alimentar manha de cachaceiro

Os camaradas, de golpe, olharam todos o patrão, tomados de insulto, feridíssimos, já muito sem paciência mais. Porém Joaquim Prestes ainda insistia, olhando o magruço:

— É isso mesmo!... Cachaceiro!... Dispa-se mais depressa! cumpra o seu dever!..

E o rapaz não aguentou o olhar cutilante do patrão, baixou a cabeça, foi se despindo. Mas ficara ainda mais lerdo, ruminando uma revolta inconsciente, que escapava na respiração precipitada, silvando surda pelo nariz. A visita percebendo o perigo, interveio. Fazia gosto de levar um pescado à mulher, si o

fazendeiro permitisse, ele dava um pulo com o vigia lá no tal de japonês. E irritado fizera um sinal ao caipira. Se fora, fugindo daquilo, sem mesmo esperar o assentimento de Joaquim Prestes. Este mal encolheu os ombros, de novo imóvel, olhando o trabalho do poço.

Quando mais ou menos uma hora depois, a visita voltou ao poço outra vez, trazia afobada uma garrafa de caninha. Foi oferecendo com felicidade aos camaradas, mas eles só olharam a visita assim meio de lado, nem responderam. Joaquim Prestes nem olhou, e a visita percebeu que tinha sucedido alguma coisa grave. O ambiente estava tensíssimo. Não se via o Albino nem o magruço que o revezava. Mas não estavam ambos no fundo do poço, como a visita imaginou.

Minutos antes, poço quase seco, o magruço que já vira um bloco de terra se desprender do rebordo, chegada a vez dele, se recusara descer. Foi meio minuto apenas de discussão agressiva entre ele e o velho Joaquim Prestes, desce, não desce, e o camarada, num ato de desespero se despedira por si mesmo, antes que o fazendeiro o despedisse. E se fora, dando as costas a tudo, oito anos de fazenda, curtindo uma tristeza funda, sem saber. E Albino, aquela mansidão doentia de fraco, pra evitar briga maior, fizera questão de descer outra vez, sem mesmo recobrar fôlego. Os outros dois, com o fantasma próximo de qualquer coisa mais terrível, se acovardaram. Albino estava no fundo do poço.

Agora o vento soprando, chicoteava da gente não aguentar. Os operários tremiam muito, e a própria visita. Só Joaquim Prestes não tremia nada, firme, olhos fincados na boca do poço. A despedida do operário o despeitara ferozmente, ficara num deslumbramento horrível. Nunca imaginara que num caso qualquer o adversário se arrogasse a iniciativa de decidir por si. Ficara assombrado. Por certo que havia de mandar embora o camarada, mas que este se fosse por vontade própria, nunca pudera imaginar. A sensação do insulto estourara nele feito uma bofetada. Si não revidasse era uma desonra, como se vingar!... Mas só as mãos se esfregando lentíssimas, denunciavam o desconcerto interior do fazendeiro. E a vontade reagia com aquela decisão já desvairada de conseguir a caneta-tinteiro, custasse o que custasse. Os olhos do velho engoliam a boca do poço, ardentes, com volúpia quase. Mas a corda já sacudida outra vez, agitadíssima agora, avisando que o Albino queria subir. Os operários se afobaram. Joaquim Prestes abriu os braços, num gesto de desespero, impaciente.

— Também Albino não parou nem dez minutos!

José ainda lançou um olhar de imploração ao chefe, mas este não compreendia mais nada. Albino apareceu na boca do poço. Vinha agarrado na corda, se grudando nela com terror, como temendo se despegar. Deixando o outro

operário na guarda do cambito, José com muita maternidade ajudava o mano. Este olhava todos, cabeça de banda decepando na corda, boca aberta. Era quase impossível lhe aguentar o olho abobado. Como que não queria se desagarrar da corda, foi preciso o José, “sou eu, mano”, o tomar nos braços, lhe fincar os pés na terra firme. Aí Albino largou da corda. Mas com frio súbito do ar livre, principiou tremendo demais. O seguraram pra não cair. Joaquim Prestes perguntava se ainda tinha água lá embaixo.

— Fa... Fa...

Levou as mãos descontroladas à boca, na intenção de animar os beijos mortos. Mas não podia limitar os gestos mais, tal o tremor. Os dedos dele tropeçavam nas narinas, se enfiavam pela boca, o movimento pretendido de fricção se alargava demais e a mão se quebrava no queixo. O outro camarada lhe esfregava as costas. José veio, tirou a garrafa das mãos da visita, quis desenvolver mas não conseguindo isso logo com aqueles dedos endurecidos, abocanhou a rolha, arrancou. José estava tão triste... Enrolou, com que macieza! a cabeça do maninho no braço esquerdo, lhe pôs a garrafa na boca:

— Beba, mano.

Albino engoliu o álcool que lhe enchera a boca. Teve aquela reação desonesta que os tragos fortes dão. Afinal pôde falar:

— Farta... é só tá-tá seco.

Joaquim Prestes falava manso, compadecido, comentando inflexível

— Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava. Enquanto isso a água vai minando.

— Si eu tivesse uma lúiz.

— Pois leve.

José parou de esfregar o irmão. Se virou pra Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:

— Albino não desce mais.

Joaquim Prestes ferido desse jeito, ficou que era a imagem descomposta do furor. Recuou um passo na defesa instintiva, levou a mão ao revólver. Berrou já sem pensar

— Como não desce!

— Não desce não. Eu não quero.

Albino agarrou o braço do mano mas toma com safanão que quase cai. José traz as mãos nas ancas, devagar, numa calma de morte. O olhar não pestaneja, enfiando no do inimigo. Ainda repete, bem baixo, mas mastigando:

Joaquim Prestes, o mal pavoroso que terá vivido aquele instante... A expressão do rosto dele se mudara de repente, não era cólera mais, boca escancarada, olhos brancos, metálicos, sustentando o olhar puro, tão calmo, do mulato. Ficaram assim. Batia agora uma primeira escuridão do entardecer. José, o corpo dele oscilou milímetros, o esforço moral foi excessivo. Que o irmão não descia estava decidido, mas tudo mais era uma tristeza em José, uma desolação vazia, uma semiconsciência de culpa lavrada pelos séculos.

Os olhos de Joaquim Prestes reassumiam uma vibração humana. Afinal baixaram, fixando o chão. Depois foi a cabeça que baixou, de súbito, refletindo. Os ombros dele também foram descendo aos poucos. Joaquim Prestes ficou sem perfil mais. Ficou sórdido.

— Não vale a pena mesmo...

Não teve a dignidade de aguentar também com a aparência externa da derrota. Esbravejou:

— Mas que diacho, rapaz! vista saia!

Albino riu, iluminando o rosto agradecido. A visita riu pra aliviar o ambiente. O outro camarada riu, covarde. José não riu. Virou a cara, talvez para não mostrar os olhos amolecidos. Mas ombros derreados, cabeça enfiada no peito, se percebia que estava fatigadíssimo. Voltara a esfregar maquinalmente o corpo do irmão, agora não carecendo mais disso. Nem ele nem os outros, que o incidente espantara por completo qualquer veleidade do frio.

Quer dizer, o caipira também não riu, ali chegado no meio da briga pra avisar que os trairões, como Joaquim Prestes exigia, devidamente limpos e envoltos em sacos de linho alvo, esperavam pra partir. Joaquim Prestes rumou prô forde. Todos o seguiram. Ainda havia nele uns restos de superioridade machucada que era preciso enganar. Falava ríspido, dando a lei com lentidão:

— Amanhã vocês se aprontem. Faça frio não faça frio mando o poceiro cedo. E... José...

Parou, voltou-se, olhou firme o mulato:

—... doutra vez veja como fala com seu patrão.

Virou, continuou, mais agitado agora, se dirigindo ao forde. Os mais próximos ainda o escutaram murmurar consigo: “...não sou nenhum desalmado...”

Dois dias depois o camarada desapeou da besta com a caneta-tinteiro. Foram levá-la a Joaquim Prestes que, sentado à escrivaninha, punha em dia a escrita da fazenda, um brinco. Joaquim Prestes abriu o embrulho devagar. A caneta vinha muito limpa, toda arranhada. Se via que os homens tinham tratado com carinho aquele objeto meio místico, servindo pra escrever sozinho. Joaquim Prestes experimentou mas a caneta não escrevia. Ainda a abriu, examinou tudo, havia areia em qualquer frincha. Afinal descobriu a rachadura.

— Pisaram na minha caneta! brutos...

Jogou tudo no lixo. Tirou da gaveta de baixo uma caixinha que abriu. Havia nela várias lapiseiras e três canetas-tinteiro. Uma era de ouro.

# APÓLOGO BRASILEIRO SEM VÉU DE ALEGORIA

ALCÂNTARA MACHADO

O trenzinho recebeu em Magoarí o pessoal do matadouro e tocou para Belém. Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do sangue. As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz. De vez em quando passava uma fagulha que a chaminé da locomotiva botava. E os vagões no escuro.

Trem misterioso. Noite fora, noite dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes de cigarro na boca. Chegava a passagem bem perto da ponta acesa e dava uma chupada para fazer mais luz. Via mal e mal a data e ia guardando no bolso. Havia sempre uns que gritavam:

— Vai pisar no inferno!

Ele pedia perdão (ou não pedia) e continuava seu caminho. Os vagões sacolejando.

O trenzinho seguia danado para Belém porque o maquinista não tinha jantado até aquela hora. Os que não dormiam aproveitando a escuridão conversavam e até gesticulavam por força do hábito brasileiro. Ou então cantavam, assobiavam. Só as mulheres se encolhiam com medo de algum desrespeito.

Noite sem lua nem nada. Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo. Ninguém estranhava. Era assim mesmo todos os dias. O pessoal do matadouro já estava acostumado. Parecia trem de carga o trem de Magoarí.

\*\*\*

Porém, aconteceu que no dia 6 de maio viajava no penúltimo banco do lado direito do segundo vagão um cego de óculos azuis. Cego baiano das margens do Verde de Baixo. Flautista de profissão dera um concerto em Bragança. Parara em Magoarí. Voltava para Belém com setenta e quatrocentos no bolso. O taioca guia dele só dava uma forga no bocejo para cuspir.

Baiano velho estava contente. Primeiro deu uma cotovelada no secretário e puxou conversa. Puxou à toa porque não veio nada. Então principiou a assobiar. Assobiou uma valsa (dessas que vão subindo, vão subindo e depois descendo, vêm descendo), uma polca, um pedaço do Trovador. Ficou quieto uns tempos. De repente deu uma coisa nele. Perguntou para o rapaz:

— O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?

O rapaz respondeu:

— Não sei: nós estamos no escuro.

— No escuro?

— É.

Ficou matutando calado. Claríssimo que não compreendia bem. Perguntou de novo:

— Não tem luz?

Bocejo.

— Não tem.

Cuspada.

Matutou mais um pouco. Perguntou de novo:

— O vagão está no escuro?

— Está.

De tanta indignação bateu com o porrete no soalho. E principiou a grita dele assim:

— Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

E a luz não foi feita. Continuou berrando:

— Luz! Luz! Luz!

Só a escuridão respondia.

Baiano velho estava fulo. Urrava. Vozes perguntaram dentro da noite:

— Que é que há?

Baiano velho trovejou:

— Não tem luz!

Vozes concordaram:

— Pois não tem mesmo.

\*\*\*

Foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem a obrigação de reagir contra os exploradores do povo. No preço da passagem está incluída a luz. O governo não toma providências? Não toma? A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. Contra ele se necessário. Brasileiro é bom, é amigo da paz, é tudo quanto quiserem: mas bobo não. Chega um dia e a coisa pega fogo.

Todos gritavam discutindo com calor e palavrões. Um mulato propôs que se matasse o chefe do trem. Mas João Virgulino lembrou:

— Ele é pobre como a gente.

Outro sugeriu uma grande passeata em Belém com banda de música e discursos.

— Foguetes também?

— Foguetes também.

— Be-le-za!

Mas João Virgulino observou:

— Isso custa dinheiro.

— Que é que se vai fazer então? Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. Magafere-chefe do matadouro de Magoarí, tirou a faca da cinta e começou a esquartejar o banco de palhinha. Com todas as regras do ofício. Cortou um pedaço, jogou pela janela e disse:

— Dois quilos de lombo!

Cortou outro e disse:

— Quilo e meio de tocinho!

Todos os passageiros magarefes e auxiliares imitaram o chefe. Era cortar e jogar pelas janelas. Parecia um serviço organizado. Ordens partiam de todos os lados. Com piadas, risadas, gargalhadas.

— Quantas reses, Zé Bento?

— Eu estou na quarta, Zé Bento!

Baiano velho quando percebeu a história pulou de contente. O chefe do trem correu quase que chorando.

— Que é isso? Que é isso? É por causa da luz? Baiano velho respondeu:



— É por causa das trevas!

O chefe do trem suplicava:

— Calma! Calma! Eu arranjo umas velinhas.

João Virgulino percorria os vagões apalpando os bancos.

— Aqui ainda tem uns três quilos de colchão mole!

O chefe do trem foi para o cubículo dele e se fechou por dentro rezando. Belém já estava perto. Dos bancos só restava a armação de ferro. Os passageiros de pé contavam façanhas. Baiano velho tocava a marcha de sua lavra chamada Às armas cidadãos! O taioquinha embrulhava no jornal a faca surrupiada na confusão.

Tocando a sineta o trem de Magoarí fundou na estação de Belém. Em dois tempos os vagões se esvaziaram. O último a sair foi o chefe, muito pálido.

\*\*\*

Belém vibrou com a história. Os jornais afixaram cartazes. Era assim o título de um: Os passageiros no trem de Magoarí amotinaram-se jogando os assentos ao leito da estrada. Mas foi substituído porque se prestava a interpretações que feriam de frente o decoro das famílias. Diante do Teatro da Paz houve um conflito sangrento entre populares.

Dada a queixa à polícia foi iniciado o inquérito para apurar as responsabilidades. Perante grande número de advogados, representantes da imprensa, curiosos e pessoas gradas, o delegado ouviu vários passageiros. Todos se mantiveram na negativa menos um que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou:

— Qual a causa verdadeira do motim?

O homem respondeu:

— A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões.

O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou:

— Quem encabeçou o movimento?

Em meio da ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou:

— Quem encabeçou o movimento foi um cego!

Quis jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca.

# O BLOCO DAS MIMOSAS BORBOLETAS

*RIBEIRO COUTO*

Foi na véspera do carnaval que encontrei o Sr. Brito. Ele esperava o bonde junto ao Hotel Avenida.

— Boa tarde, Sr. Brito!

— Boa tarde!

E, como eu parasse para acender um charuto, o Sr. Brito, aproximando-se, pediu com humildade:

— O seu fogo, faz favor?

Estava ali há dois minutos, com o cigarro apagado, à espera do bonde e de um conhecido para emprestar-lhe o fogo. O Sr. Brito ouviu dizer, ou leu num almanaque, que o banqueiro Laffitte obteve o seu primeiro emprego porque o futuro patrão o viu curvar-se para apanhar um simples alfinete. Então faz economias de caixas de fósforos, de cafés, de engraxate. Pode ser que algum capitalista se aperceba disto e o convide para um alto negócio.

Aliás, há uma outra razão para o Sr. Brito agir desse modo: possui duas interessantes filhas, as duas com vinte anos e pouco, as duas caríssimas, as duas impondo uma importância social que está em absoluto desacordo com o modesto cargo que o Sr. Jocelino de Brito e Sousa ocupa, silenciosamente, no Ministério da Fazenda.

Eram cinco e meia da tarde. Como a multidão nos acotovelasse, convidei o Sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana. O Sr. Brito, aceso o seu cigarro, principiara a lamentar-se; e a conversa, ainda que fastidiosa, excitava a minha curiosidade.

O Sr. Brito é dos homens mais notáveis da cidade. Eu é que sei. No entanto, ninguém lhe dá importância. Tem uma obesidade caída, um desânimo balofo, um desacoroçoado j eito de velho funcionário pobre que se desespera em casa com as meninas. As meninas querem vestidos, precisam frequentar a sociedade, consomem-lhe todo o ordenado. Ultimamente, deram para um furor de luxo que não tem medida. E o Sr. Brito, triste, cogitativo, anda sempre assim, de fazer dó: os braços cheios de embrulhos, o paletó-saco poeirento, os cabelos grisalhos esvoaçando-lhe pelas orelhas, sob o chapéu de palha encardida.

— Sr. Brito, um vermute.

— Acho bom, doutor, acho bom.

Tem um pormenor impressionante no rosto: as sobrancelhas muito peludas, também grisalhas, como que enfarinhadas de cinza. São agressivas as suas sobrancelhas.

Na pessoa mansa do Sr. Brito, esse ponto enérgico é único, isolado. Tirando as sobrancelhas, todo ele é doçura.

A pêndula do bar martelou seis horas. O Sr. Brito, que ia engolir o vermute, teve uma indecisão, o cálice suspenso à boca.

Li nos seus olhos inquietos esta frase: “As meninas estão a minha espera”.

Exatamente. O Sr. Brito bebeu o gole e disse:

— As meninas estão a minha espera.

Ah, a minha feroz alegria! O Sr. Brito e assim: um homem que eu, há tempos, venho surpreendendo, desvendando. Tomando posse da sua individualidade sem resistência. Estou a ponto de “saber” todo o Sr. Brito. Há ocasiões em que, encontrando-o, digo para mim mesmo: “Ele vai falar-me de um artigo tremendo que saiu hoje contra o presidente da República na Vanguarda”. É delicioso: o Sr. Brito depois de me apertar a mão põe-se a conversar sobre vagas coisas e, de repente, como se obedecesse ao meu comando, pergunta:

— Leu hoje a Vanguarda? Que artigo tremendo! Que horror!

\*\*\*

— Tome outro vermute, Sr. Brito.

Sacudiu a cabeça que não.

— As meninas devem estar impacientes.

— E como vão elas?

— Assim, assim. O senhor é que não quis mais aparecer?

Ele pergunta isso sem o menor interesse oculto. Sabe perfeitamente que não pretendo casar-me.

— Muito serviço, não calcula.

— Mas aos domingos, doutor! Uma vez ou outra! Dá-nos sempre muita honra e principalmente muito prazer.

— Obrigadinho, obrigadinho. Hei de aparecer. O senhor sabe que aprecio muito as suas meninas.

— Elas são boazinhas, isso é verdade. Gostam de divertir-se, de dançar, de brincar. Não pensam na vida.

Não pensam na vida! Para os seus olhos de pai essas duas interessantes princesas de arrabalde não pensam na vida. E elas não pensam senão na vida! Tratam exclusivamente de suas preciosas pessoinhas, dos seus preciosos projetos de casamento, do seu precioso luxo que custa as lágrimas secretas do pai desconsolado.

— Faça o favor, beba outro.

Aceita. E expõe o seu caso de hoje, o caso que eu há vinte minutos estou esperando, como um caçador mau, de emboscada:

— Não avalia as dificuldades que passei de ontem para cá! Imagine que era necessário arranjar um conto de réis e eu não encontrava agiota nenhum que me quisesse emprestá-lo. Afinal, sempre convenci o Moraes, aquele da Rua da Misericórdia, que por sinal todos os meses já me rói metade do ordenado. Esta vida, meu caro doutor!

— Sei o que ela é, Sr. Brito. Eu também tenho os meus apertos.

O vermute o perturbou um pouco, predispondo-o para a confiança. Continuo insinuando a expansão, pelo meu ar atento, pelo meu todo solícito, pelas minhas frases curtas que deixam sempre uma ponta, para o Sr. Brito emendá-la com o que tem no íntimo.

— As meninas morreriam de tristeza se eu não conseguisse nada.

— Ah!

— O senhor sabe, são moças, querem divertir-se.

— É natural!

— O carnaval faz todo mundo perder a cabeça. O senhor compreende: qual é o pai que numa ocasião destas não fará um sacrifício?

— Justo!

Pedi mais dois vermute ao garçom.

— Esses empréstimos abalam muito a bolsa de um homem, Sr. Brito.

— Um horror. Nem fale.

— Mas obtive, então?

Toma um gole. Chupa os beijos, enxugando-os. E desabafando:

— Ah, felizmente!

— Meus parabéns sinceros.

Sorriu, feliz. Seus olhos, debaixo das sobrancelhas crespas e peludas, cintilaram contentes. As filhas morreriam de tristeza se não tivesse arranjado! Tomou outro gole.

Tive uma sensação inefável de haver ganho a tarde.

— Sr. Brito, há de me dar licença...

— Pois não, pois não!

Paguei a despesa, levantei-me. Ele bebeu o resto do cálice e levantou-se também, sobraçando os embrulhos. Senti que ia dizer-me qualquer coisa ainda sobre as meninas, sobre o carnaval, sobre aqueles embrulhos, sobre o empréstimo...

— Elas estão ansiosas. Está vendo isto? São as fantasias que já haviam escolhido na cidade. E caixas de lança-perfume. E confete.

— E serpentinas.

— Tudo!

O Sr. Brito, na sua ternura, ter-me-ia abraçado se não foram os embrulhos.

— Não sabe o que é ter duas filhas, dois anjos como eu tenho!

O bonde da Gávea parara para o assalto dos passageiros. O Sr. Brito ia precipitar-se, mas uma idéia lhe fuzilou no cérebro:

— Não quer tomar parte no bloco das meninas?

Desta, vez o Sr. Brito me apanhara de surpresa. Não gostei. Aquilo me escapara.

— Ah, elas organizaram bloco este ano?

— Alugamos um auto-caminhão. Elas se lembraram do senhor, mas tinham perdido o telefone da sua pensão. E eu ia-me esquecendo, que cabeça! É o Bloco das Mimosas Borboletas. Então, vem?

O bonde partia. Campainhando.

— Telefone para lá?

Falou isso correndo, querendo voltar a cabeça para mim e ao mesmo tempo preparar o pulo sobre o estribo. Pulou. Dependurado, com os embrulhos lhe atrapalhando os movimentos, era sublime o Sr. Brito. E o bonde virou a esquina da Rua S. José levando a bondade, a ventura, o êxtase daquele pai. O Moraes, da Rua da Misericórdia, estava na porta da Brahma, torcendo os bigodes.

\*\*\*

Devo tomar parte no Bloco das Mimosas Borboletas?

\*\*\*

Quarta-feira de Cinzas eu entrava tranquilamente num café quando o Sr. Brito surgiu, súbito. Quase nos abalroamos.

— Oh, Sr. Brito! Vamos a um cafezinho?

Estendi-lhe o braço procurando envolvê-lo pelo ombro. Ele tentou esquivar-se, esboçando uma recusa frouxa. Insisti com veemência e ele entrou afinal, sombrio.

Observei-lhe que o laço da gravata estava desfeito. Teve um gesto nervoso, apalpando o colarinho e o peito da camisa, como se aquilo lhe tivesse feito lembrar qualquer coisa desagradável ou dolorosa.

Tive receio de pensar o que ele iria dizer-me... Aquele desleixo na gravata era significativo. Eu sabia que era Lalá, a mais velha, quem lhe dava o nó todas as manhãs. Ele ia dizer... Não, o Sr. Brito dessa vez não disse nada.

Então puxei conversa.

— Divertiu-se muito no carnaval?

Deu de ombros, molemente, num desânimo de vida. E, puxando um cigarro de palha do fundo do bolso do paletó, fez-me com os dedos trêmulos o gesto de pedir fósforos.

Minutos escoaram-se. Não tínhamos assunto. Era mais prático nos despedirmos.

— Bem, Sr. Brito, vou aos meus negócios.

Segurou-me pelo braço. Tive um choque. A revelação ia sair.

Passaram-se ainda uns momentos de silêncio. Perguntou-me, enfim:

— Por que não quis tomar parte no nosso bloco?

— Ora, Sr. Brito, eu não sou carnavalesco. Acredite: não saí de casa os três dias.

— Pois lamentei, lamentei muito a sua ausência.

— Ora, por que, Sr. Brito?

— O senhor é um moço sério. Se o senhor tivesse vindo, olharia pelas minhas filhas.

Senti um susto e uma pérfida vontade de rir. Tive a impressão do ridículo e ao mesmo tempo de um vago drama palpitante. As sobrancelhas do Sr. Brito, um instante fitas em mim, moviam-se agora, acompanhando um tique nervoso de piscar, indício de comoção.

— Muito agradecido pela confiança, Sr. Brito. Porém, não sei se sou digno.

— Sei eu, sei eu.

Comecei a ficar impaciente.

— Que houve de extraordinário, Sr. Brito?

— Imagine o senhor que ontem, último dia, como estivesse com os meus rins muito doloridos não pude acompanhar as meninas ao carro. Sabe, os meus rins...

— Sei, Sr. Brito.

— O bloco era grande, umas trinta pessoas. Enfim, havia o Gomes, da minha repartição. O Gomes com a senhora. Fiquei tranquilo por esse lado e confiei-lhe as meninas. Sabe, os rapazes me pareciam distintos, mas nunca é bom confiar demais.

— Claro.

— Pois meu caro, não lhe conto nada; até esta hora as meninas ainda não voltaram.

— Oh, Sr. Brito!

— O Gomes está abatido. Diz que não sabe como é que elas lhe escaparam das vistas.

No rosto tranquilo do Sr. Brito os olhos, sempre doces, faiscaram de dor. As sobrancelhas tremeram-lhe.



— E verdade o que me diz?

— Des-gra-ça-da-men-te!

Caiu-lhe a cabeça sobre o peito, no desconsolo da calamidade. Não tendo o que dizer (e já um pouco arrependido de não haver tomado parte no bloco, mas por motivos inconfessáveis) reuni todas as minhas cóleras contra aquele Gomes:

— Porém, Sr. Brito, esse sujeito, esse Gomes, é um patife!

O Sr. Brito fez com a cabeça que não, que o Gomes não era um patife. E disse devagar, com tristeza:

— A mulher dele também até agora não chegou em casa.

\*\*\*

Íamos pela rua cheia de povo barulhento e feliz.

— Sr. Brito, cuidado com esse auto.

Atravessamos.

Eu tentava qualquer coisa em prol daquela dor:

— Sossegue. Elas dormiram com certeza em casa de amigas.

— Ninguém sabe delas.

— Paciência, Sr. Brito, paciência. Talvez já estejam em casa, até.

Barafustamos por um telefone público. Esperamos um momento até que D. Candinha (irmã solteirona e velhusca do Sr. Brito, que criara as meninas, sem mãe, desde cedo) atendeu do outro lado do fio.

— Elas já chegaram? — rompeu o Sr. Brito, com a voz gritada e comovida, ansioso da resposta.

Largou o fone no gancho, sem ânimo.

— Vamos embora, doutor. Não apareceram! Não há notícias!

E fomos para o Jornal do Brasil. No balcão da gerência o Sr. Brito redigiu com letra trêmula o anúncio: “Um conto de réis — Gratifica-se com um conto de réis a quem der notícias positivas sobre o paradeiro de duas moças que anteontem, vestidas à século XVIII, tomaram parte no Bloco das Mimosas Borboletas, da Gávea. Dirigir-se à Rua República de Andorra n. 7”.

O Sr. Brito pagou o anúncio e saímos.

Na rua teve uma idéia repentina:

— E verdade, onde vou buscar outro conto de réis?

E a sua doce pessoa crispou-se de angústia.

Ao nos despedirmos, ele queixou-se de uma dor de cabeça. Parou um momento levando a mão à testa. E, súbito, amontoou-se na calçada. Eu não tivera tempo de ampará-lo. Então, com esforço, suspendi aquela massa pesada. Pessoas que passavam me ajudaram. Estava morto.

Seu cadáver foi no automóvel da Assistência Pública para casa, depois das formalidades legais.

Acompanhei-o.

D. Candinha estava fazendo o jantar e veio ver quem batia, manca de reumatismo, limpando as mãos no avental. Espantou-se. Atrás dos óculos os olhos se esbugalhavam, sem compreender. Até que, como que se lembrando, deu um grito:

— As meninas! — e ergueu os braços exclamativos.

— É o Sr. Brito, D. Candinha — intervim com calma. Está doente. Muito doente.

— O Jocelino! Pobre Jocelino! Que foi que aconteceu pro Jocelino?

E pôs-se a limpar os olhos com o avental sujo.

\*\*\*

Entre as pessoas que velavam o cadáver, Gomes destacava-se pelo seu ar digno de homem ferido no seu amor próprio. A mulher desaparecera definitivamente. Suspeitava-se de um estudante de medicina, um certo Aristóteles, sergipano, um dos influentes do Bloco.

Havia quem apertasse a mão de Gomes, com comoção, apresentando-lhe condolências. Dava a impressão de um parente. A fuga da mulher estabelecera entre ele e o defunto um laço confuso de família.

Gomes agradecia, com um lenço sempre encostado ao rosto.

\*\*\*

Pela madrugada entrou Cotinha, a filha mais moça.

Entrou pé ante pé. Ninguém lhe perguntou donde vinha nem por que vinha. Havia na sala apenas três ou quatro pessoas pobres da vizinhança, além de mim. Todas as demais — Gomes inclusive — se tinham retirado por volta da meia-noite. D. Candinha dormia lá dentro, numa cadeira de balanço da sala de jantar, vencida pelas agitações das últimas quarenta e oito horas.

Cotinha caminhou receosa para o meio da sala e atirou-se sobre o caixão. E chorou, chorou, sacudida, como que se esvaziando a repelões.

Quando acabou de chorar, veio para onde eu estava, toda encolhida como uma criminoso, de olhos inchados e vermelhos. Apertei-lhe a mão que me estendeu e ficamos em silêncio. Depois de uns minutos, como um sentimento surdo e talvez hostil nos impelisse a explicações, perguntei:

— E D. Lalá?

— Não sei (deu de ombros, espichando o beijo num muxoxo contrariado.) Cada uma de nós foi para o seu lado.

Fiquei estarecido.

— E a senhora do Gomes?

Disse que ignorava também o destino da outra. Formosíssimo! Eis o epílogo do Bloco das Mimosas Borboletas no carnaval de 1922 na muito leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro — pensei com os meus botões.

Depois Cotinha contou que soubera da morte do pai por acaso, porque passara de automóvel pela porta, “com um senhor”... E acrescentou tímida rompendo o pudor:

— O senhor com quem eu estou.

Tive um baque. Era possível? Um cinismo lavado de lágrimas, assim, era possível?

— Mas D. Cotinha: que bicho mordeu as senhoras, desse modo, de repente? Ficaram doidas?

Sacudiu os ombros, pondo as duas mãos nos olhos, como uma criança e chorando de novo:

— É a vida... Que é que o senhor quer?

As outras pessoas da sala olhavam-nos, a cochichar entre si. Sem dúvida faziam mau juízo. Talvez pensassem até que era eu o comparsa de Cotinha.

Um cheiro de flores pisadas e cera errava, acre. Um sentimento pungente me dominava, abafando uma vaga, uma imprecisa sensação de sarcasmo. As oito velas ardiam silenciosas em torno do caixão do Sr. Brito, que tinha um crucifixo de prata à cabeça. Eu não conseguira ainda, até aquele instante, definir o meu estado de alma. Parecia-me, profanamente, que qualquer coisa de cômico se insinuava por tudo aquilo. Talvez, porém, fosse engano meu, ruindade minha, tendência cruel do meu temperamento. No fundo, eu estava zozinho com o que me rodeava: o Sr. Brito, a filha que voltava, as pessoas pobres e imbecis da vizinhança, as oito velas, o cheiro de flores pisadas, a idéia do cavalheiro com quem Cotinha passeara de automóvel, a idéia de Lalá a idéia de Aristóteles furtando a mulher do Gomes, a lembrança do anúncio que saía de manhã no Jornal do Brasil, o ridículo do Bloco das Mimosas Borboletas — tudo aquilo ainda não recebera uma forma definitiva no meu espírito.

Cotinha merecia umas bofetadas?

O problema de saber se Cotinha merecia ou não umas bofetadas me invadiu, súbito. Fiquei a remoer essa inspiração, como se ela encerrasse um alto valor poético ou filosófico. Eram quatro da madrugada. Uma pessoa levantou-se, em bico de pés. Outra pessoa levantou-se também. Daí a um quarto de hora Cotinha e eu estávamos sós.

Ficamos nós dois, longo tempo, calados, olhando o Sr. Brito.

Por duas vezes Cotinha soluçou:

— Coitado do meu paizinho!

Por outras duas vezes suspirou:

— E Lalá que não sabe de nada! Que horror!

Claridades pálidas do dia nascente entraram vagarosas pelas janelas. Um torpor me tomou. Cotinha chorava agora encostada a mim.

O barulho do primeiro bonde, que vinha vindo longe, me ergueu na cadeira. Cotinha encostou a cabeça ao espaldar, fatigada, humilhada, amarrotada, sem valor e sem destino, como uma pobre coisa.

Para vencer o torpor, tomei a deliberação de sair, de andar. Fui olhar então, de perto; o meu defunto amigo, o meu campo de observações e de conquistas psicológicas, o meu infeliz Jocelino de Brito e Sousa. O rosto estava calmo, como a sorrir. As sobrancelhas peludas continuavam agressivas, enérgicas, na fisionomia doce, doce para todo o sempre. Aquela massa humana estava agora liberta de pensar no Moraes da Rua da Misericórdia.

— D. Cotinha, até logo, à hora do enterro.

Ela veio até a porta da sala, que dava para uma área. Levantei a gola do paletó por causa do frio da madrugada.

Estendi a mão para Cotinha. Encarei-a com piedade e revolta: gordinha, morenota, um leve buço enegrecendo-lhe o lábio superior. E irresponsável, camaradinha, fácil, derrotada nas suas vaidades de princesa de arrabalde por aquele complicado drama de fuga e morte.

Olhando-me a fito, vi nos olhos dela a recordação da vida já antiga: o lar do Sr. Brito, os domingos de visita ou passeio com outras pessoas que frequentavam a casa, os projetos ambiciosos de bons casamentos, o luxo, a comodidade quotidiana de uma situação de respeito e prazer. Agora, tudo acabado, para nunca mais!

Desabou a chorar sobre o meu ombro: que era muito infeliz, que ia sofrer muito, que não sabia como perdera a cabeça, que agora estava perdida, que queria morrer também...

Consolei-a como pude, segurando-a pelos pulsos. Dei-lhe o conselho de mandar procurar Lalá (ela devia suspeitar, pelo menos suspeitar onde estivesse a irmã) e despedi-me rápido.

A rua! A rua deserta, vazia, livre, para os meus passos e para o meu rumo! Corri por ali afora, corri para alcançar o bonde e para desentorpecer. E enquanto corria levava a sensação de fugir a uma coisa fascinante e ameaçadora, de que eu me libertava enfim... uma coisa suave e horrenda que não poderia mais acontecer na madrugada pura do arrabalde...

# MISSA DE SÉTIMO DIA

GUILHERME FIGUEIREDO

O senhor gordo e apoplético subiu desesperadamente a escada ao mesmo tempo que enxugava o suor do rosto, com um lenço de cores. Mas, ao penetrar na sacristia, vendo as pessoas silenciosas e graves de pé em torno à pequena mesa, assumiu uma atitude lenta de compunção e respeito. E avançou. Alguém ao lado dizia ao ouvido de outro que a missa ainda não começara, e isto acalmou um pouco o cavalheiro apressado. Agora só o incomodava o fato de estar de brim. Afligi-o mesmo o contraste entre o seu terno e os trajes sisudos da gente toda em volta: senhoras vestidas de escuro, homens com roupas sóbrias, gravatas funerárias e respeitosa chapéus tia mão. Todos, numa delicadeza compassada e cuidadosa, procuravam a pena e deixavam seus nomes nas folhas de papel sobre a mesa. Depois, numa amabilidade q' só o medo da morte e de Deus comunica à humanidade, molhavam na tinta a caneta e cediam-na ao seguinte.

Só o gordo — já menos apoplético da carreira — recusou a pena que lhe passavam. Enfiou os dedos por dentro do paletó, sacou uma caneta-tinteiro, desaparafusou-a e assinou. E com passo medido afastou-se do grupo compacto. Foi quando rodava a tampa da caneta, para fechá-la, que deu com os olhos no rapaz magro, que o contemplava desde a entrada. Era um moço triste e cinzento, que parecia estar sempre na atitude inerte das aves pênaltas. O recém-chegado não teve efusões, pois o momento não comportava. Falou baixo, discreto, e com composta seriedade

— Carvalhinho amigo...

Apertaram-se as mãos, num silêncio. O gordo achou que devia justificar:

— Estou sabendo agora, meu caro... Que desgraça, hein? Sacudiu a enorme cabeça calva, num resumo da inutilidade da vida, como querendo exprimir que tudo era uma longa desesperança. O outro, enquanto isso, tinha um ar parado, repleto de dores mortas e resignadas.

— Pois é, Pacheco.

Mas Pacheco, numa espécie de incredulidade, e com voz de quem ainda acha possível tomar providências diante do irremediável — Pacheco queria saber

— Mas, Santo Deus, como foi isso? De que terá morrido esse pobre Adalberto?

Carvalhinho já estava na fase em que o golpe sofrido exige poucas explicações. Apontou, com o dedo magro e sarrento, o coração. Depois, em palavras breves e abatidas, contou: de manhã cedo, depois do café, Adalberto, ainda de pijama,

abriu o jornal. Comentou com dona Rosa dois ou três fatos, vagamente. Reclamou a ausência de Carlinhos e Juracy, os filhos, que ainda dormiam. A mulher andou até a escada, gritou por eles, e, quando voltou, lá estava o marido, debruçado na mesa, o jornal desfolhado no chão. Sem um ai.

— Ora veja!

Houve uma pausa meditativa. Depois Pacheco concluiu a moralidade da história:

— A vida é isso mesmo, seu Carvalho!

Ambos suspiraram.

A voz do órgão soou dentro da nave; pelas portas laterais os grupos avançaram, meio dispersos. O cavalheiro gordo tomou o outro pelo braço, e, enquanto seguiam, foi narrando também:

— Pois só soube hoje, imagine. Estava já no escritório quando a patroa telefonou: “Sabe quem morreu? O Adalberto!” Calcule você o choque! Um bom amigo, uma alma de ouro...

— É verdade...

— Nem tive tempo de botar outra roupa. Vim assim mesmo, de brim.

Já estavam no interior da igreja. Pacheco espiou tini instante o sacerdote, as cabeças paradas à sua frente, e reclamou:

— Mas vocês deviam ter-me avisado! Nem fui ao enterro, nem nada... Eu, que era da casa!

— Não houve tempo. Você sabe como são estas ocasiões. Desespero, aflição, providências a tomar..

— Lá isso é verdade...

No fundo do altar crepitavam levemente os círios bruxuleantes. No meio deles, entre rosas dolorosamente iluminadas, a figura de um Cristo pendia dos ombros cabeça torturada. Fulgiam chispas breves das vestes do sacerdote. E, de quando em quando, de alguma dama contrita entre os bancos, ou de algum dos homens de pé, partia um pigarro no meio do silêncio. Na sombra dos outros altares jaziam imagens coloridas e serenas. Vagava um ar póstumo por dentro do templo, e as notas redondas do órgão esmagavam as almas, os pensamentos, as orações. Do alto da nave descia esse frio peculiar e incensado que têm as igrejas nas cerimônias tristes.

Uma recordação recurva e abafada tomou conta de Pacheco. Sussurrou para o outro:

— Pobre Adalberto! Um amigo, um grande amigo... É assim mesmo: os bons é que vão. Sempre lutando, sempre acreditando que um dia tudo melhoraria... Depois, aquele gênio, você sabe. Uma pérola. Mas a mulher não compreendia ele. Botava ele de lado, fazia de conta que ele nem existia...

A essa lembrança, espiou para as primeiras filas. Dona Rosa lá estava, e Carlinhos, e Juracy, todos de negro, as cabeças inclinadas. Mais atrás, outros parentes, num grupo cerrado e escuro. Vinham em seguida os amigos, que espiavam por cima, numa atenção longínqua. Um cavalheiro alto, de *pince-nez*, balançava-se nas pernas, com as mãos para trás; perto, uma senhora grande e loura não sabia se daria ouvidos ao padre ou ao filhinho, que se impacientava. De vez em quando intimava entre-dentes: “Fica quieto! Fica quieto!” E ameaçava beliscões. Depois circunvagava o olhar num pedido de indulgência aos incomodados. Do outro lado, dois senhores igualmente paquidermais e míopes falavam à meia voz:

— “Esse ano o mercado está infame para nós!” — “Home, eu até que fiz uns negociozinhos de laranja — “É, mas os plantadores...”

Pacheco, de repente, como se o assaltasse uma idéia, soprou para o amigo:

— Ó Carvalho: a Lenita é que deve estar triste hein?

O outro estava longe, remoto:

— Hein?

— A Lenita...

— É mesmo. Aquela é que era a verdadeira mulher do Adalberto... Que carinho, que amparo moral para ele...

— Claro. Tanto que o Adalberto fazia todas as vontades dela. Dava-lhe tudo. Até casa, não é? Muitas vezes eu ia lá com ele.

— Também fui.

— Chamava “o meu oásis”. E era mesmo. Quando Dona Rosa fazia uma das suas, ou os filhos, lá corria ele para o oásis. Dizia-me: “É aqui que eu descanso de todas as decepções. Quando não sou entendido em casa, quando não encontro lá o entusiasmo, o estímulo, o amor, é aqui que venho viver de novo o que o lar não me deu..



Aconselhava-me sempre: “Não se case, Carvalhinho...” Ou melhor: “não se case sem imaginar antes o abandono em que te deixará a companhia de tua mulher...” Estive duas vezes com ele em casa de Lenita. Era outro homem, lá. Ria, pilheriava, contava anedotas...

— Metia-se naquele pijama riscadinho e explicava:

“É aqui que eu uso a farda de prisioneiro que devia botar lá em casa..

E, após uma fermata:

— Escuta: dona Rosa como ficou?

— De dinheiro? Creio que bem. O Adalberto tinha posses. Uns terrenos. Parece-me até que apólices. Por esse lado até deve estar contente, que Deus me perdoe.

— Veja só, hein? Está agora livre e rica. E mocelona. É bem capaz de casar de novo...

E, num riso quase invisível:

— Carvalho, por que você não conquista a viúva? Negociação!

—Credo!

A campainha do sacristão chamou ao silêncio as palestras segredadas que começavam a despontar. Houve um ruído de pés, de saias que se ajoelhavam, e o órgão vibrou com unção. Carvalho puxou o lenço, estirou-o no ladrilho, dobrou o joelho por cima. Pacheco permaneceu de pé, mas havia uma lágrima saudosa que lhe brilhava no olho. E quando o amigo se levantou, espanando a calça, bateu-lhe com o cotovelo e indicou com o queixo uma direção, à direita:

— Olha ali. Não é a Lenha?

Lenita, ali? Seria crível? O outro espiou. “Onde?” Era a Lenita. Aparecer na missa do amante, entre a família do morto, os amigos honestos... não parecia correto a Carvalhinho. Lenita tinha os braços apoiados no encosto do banco, a testa alva e lisa dobrada para a frente, o corpo como que desabado numa das almofadas do chão. Vestia de negro, um renard enrolava-lhe os ombros. De vez em quando um soluço a sacudia, mas rápido e quase imperceptível. Pacheco viu-lhe os olhos inchados e magoados. O rosário corria-lhe entre os dedos, e toda a sua fisionomia indicava um longo desespero, um longo cansaço, uma longa angústia. Que fazer dali em diante? Continuar a vida? Como faria para reerguer tudo do nada de afeto em que tinha ficado? Os dois amigos contemplaram-na um minuto. Carvalho considerou a ocasião, a santidade da hora, a impropriedade da presença, e perguntou:

— Você não acha que ela não devia ter vindo? Não fica bem.

Mas terminava a cerimônia. Avançavam todos, gravemente para perto do altar, onde gemia a família do morto. Chegavam junto de dona Rosa, dos filhos. Uns só apertavam as mãos, mudamente. Os mais íntimos e os mais sentimentais deixavam-se estar por uns momentos com o peito apertado contra o do parente. Batiam-lhe nas costas: “Ah! Fulano!” Choravam. Ou então não terminavam a frase: “Meus pés Carvalhinho tomou o braço de Pacheco, que se esquivou:

— Não, eu não vou. Detesto pêsames. Fico por aqui te esperando.

O outro seguiu. Lenita permanecia rezando, enquanto os outros passavam perto para cumprimentar a família. Passavam. Depois levantou-se, e sua magreza lânguida e acabrunhada despertou atenções. Caminhou entre os bancos, para sair. Pacheco então transportou para si mesmo a dor da mulher. Voltou-se, quis saudá-la. Ela, porém, conteve-o com o olhar. Um olhar quase que agradecido por ele ter-se lembrado; mas também um olhar que parecia desconhecê-lo, ignorá-lo, apagá-lo da vida diante das conveniências, diante das outras pessoas, diante dela mesma.

Passou. Seu vulto desapareceu na porta.

— Vamos?

Era o Carvalhinho. Andaram em silêncio alguns passos. Desceram a escada. Pacheco acendeu um cigarro. O outro declarou:

— Essa Lenita é um pedaço de mulher...

A frase ficou no ar. Outros pensamentos deformaram-na, murcharam-na. Pacheco, como que apagando da memória tudo que ficara para trás, perguntou:

— Que tal um cafezinho, Carvalho?

— Vamos lá.

# A PRESENÇA

RUTH GUIMARÃES

Havia uma mulher cujo nome não se sabe, porém — não neste conto, mas na vida que levou — foi chamada simplesmente Chanda. Dela se pode repetir o que já foi dito de muitas mulheres em relação à paisagem: parecia sempre estar passando por ela pela primeira vez. E ali naquela casa, que em verdade era muito ordinária, e embora não houvesse memória de uma só noite sem Chanda, ela parecia tão nova e tão estranha, cada dia, como se a tivessem admitido na véspera. E novo era também cada dia o seu gesto de alarme. De súbito se enrijecia, parecendo mais alta e mais ereta, prestes a partir como um alegre veleiro. Em lugar de o fazer, apertava nas mãos delgadas o guardanapo. Era bastante seguir-lhe o olhar, e no ponto extremo desse olhar, detendo-o e enfeixando-o estaria o homem; fato certo e inflexível como o resultado de uma soma de dois. Era grande e gordo como um gato bem alimentado. Poder-se-ia imaginá-lo de patas cruzadas e eriçados bigodes, diante de um peixinho com escamas de prata. A sala enevoadada pelo fumo dos cigarros, indistinta e oscilante, aparecia torva e baça como de taverna. O peixinho se fragmentava e se tornava apenas uma xícara branca. De olhos de gato permanecia o fulgor dos olhos miúdos e empapuçados do homem. Chanda se arrancava com esforço da hipnose. Então, se pedíssemos creme de queijo, ela traria café com leite. Ficava depois imóvel, alta e magra como a sua própria sombra, olhando desamparada para os lados, até que puxada por invisíveis cordões, ia em passos mecânicos para ele. Impossível saber se era amor, cólera ou medo o que a arrastava, mas nos seus olhos se lia angústia. Nada acontecia, afinal. Ouvia-se a voz dela, velada e doce, na familiar pergunta:

— Mais alguma coisa, meu senhor?

O homem saía e com ele o mistério. Teria ela suspirado de alívio, ou isto também fazia parte da ilusão? O caso é que poderíamos então pedir, sem susto, creme de queijo e o fazíamos com a alegre certeza de que seríamos corretamente servidos.

De qualquer maneira, estávamos bem certos de que havia alguma coisa. Tínhamos consciência da repentina densidade do ar, sempre que ele entrava e víamos como Chanda se endireitava e como o seu olhar fixo se prendia ao canto da sala. Não nos atrevíamos a lhe perguntar nada, pois assim de olhos mortos, ela parecia curiosa- mente ausente.

E ele. Como saber o que quer que fosse sobre ele? Bem. Um de nós tentou se aproximar um dia, não sem procurar se explicar, com certa timidez

— Perdão, cavalheiro, não há outro lugar...

E depois em falso tom de à vontade.

— Isto está animado hoje...

Mas imediatamente após dizer isso, conteve o gesto de recostar-se e permaneceu rígido e expectante pois pressentiu que alguma coisa estava errada. O homem não topou a conversa, como se poderia esperar. Jogou o guardanapo sobre a mesa, afastou ruidosamente a cadeira e resmungou numa vozinha ciciante, pequena demais para o seu grande corpo e como que solta dentro dele.

— Já ia sair..

Depois desse fracasso, nada mais foi tentado.

Realmente nada vimos de precioso, até que a cena atingiu uma espécie de silencioso clímax. Vimos, sim, nitidamente, quando ele se pôs em pé, e agarrou com força o braço de Chanda, num repentino furor sem palavras. Depois murmurou, ou falou em tom normal como se poderia saber? — e era estranho vê-lo mover os lábios como num filme mudo. Pareceu que Chanda ia gritar e houve quem se erguesse para socorrê-la. Nos lábios entreabertos estava o grito sem som, e olhava como se implorasse, ou não — era antes como se procurasse apoio, como se precisasse de se segurar para resistir. Pensamos, com a maligna satisfação que advém de ter acertado uma profecia ruim, que o quer que fosse de dramático estava afinal se realizando, mas no minuto seguinte Chanda curvou gentilmente a cabeça, concordando e até sorriu. Podia ter sido ou não um sorriso desamparado, como desamparado era sempre o olhar. Retirou o avental e saiu deslizando diante dele, parecia que sem ruído, sombra, apenas, sombra. Nem ficamos certos de a ter visto desesperar. Nunca se poderia ter certeza de coisa alguma, naquela sala, com fumaça e barulho demais e iluminação de menos.

Muito tempo depois, quando já tinha sido esquecida, sentimos novamente a presença. Sabíamos, antes de o ver, que ele estava ali, como antes. Era a intensidade do olhar incidindo em nossa nuca, ponto imantado, ou qualquer coisa assim, o que nunca se conseguiu explicar bem. Foi bastante o voltar-se, para se ver o homem, um pouco menos gordo e com a expressão concentrada a tal ponto que parecia estúpido. E era tão estranho estar ali, que o olhamos quase esperando vê-lo dissolver-se e subir ao teto em grossos rolos de fumaça. Todos se puseram a perscrutar as entradas, impacientes, como se Chanda devesse surgir por uma delas, de aventalzinho branco e guardanapo nas mãos.

Naquela noite, soubemos que ela estava morrendo.

A pergunta foi eloquente demais em nossos olhares, ou então o homem necessitava de desabafo. Primeiro falou sem se mover e sem nos olhar de frente, num tom que era meia afirmativa e meia pergunta:

— Esperam que ela venha?

Antes que dominássemos o sobressalto, inclinou-se pesadamente e disse:

— Está morrendo.

Olhou para as próprias mãos, abertas a meio, crispadas, balofas como de afogado e muitos pensaram que ele a tivesse assassinado, assim, cerrando os dedos em torno do frágil pescoço.

— Poderíamos vê-la? — perguntamos, suspensos da resposta.

— Sim, sim. Decerto.

Ele oscilou pesadamente, para a direita e para a esquerda, mas o seu hálito quente cheirava apenas a fumo.

Pensávamos já em Chanda, agonizante, numa enxerga, em quarto miserável de algum impressionante bairro suspeito, e o que nos movia a vê-la era uma curiosidade malsã e não piedade ou estima. À saída o vento passou, bramindo heresias. O homem pareceu, de repente, acordar, e perguntou espantado.

Por que vão comigo? Que querem? Que têm vocês com a minha Chanda?

Entreolhamo-nos estupefatos.

— Suicidou-se — soprou ele. — E a palavra veio gelada e solta, de tal modo que no primeiro momento não a compreendemos.

Afastou-se quase correndo. Quando recuperamos o equilíbrio, e pensamos em segui-lo, ele tinha virado sabe Deus que esquina, naquele emaranhado de ruas estreitas. Vaga vergonha nos mordeu a alma e o frio vento nos mordida as faces.

Dias depois, notamos que o homem rondava o bar à noite e seu grande vulto maciço nos dava calafrios. Quando nos via, escapava rapidamente, num trote pesado. Mas voltava sempre, fascinado, o que se percebia pelos seus modos, assim com esse determinismo com que se volta para o norte um ponteiro de bússola. E então percorríamos animadamente sobre a atração que leva os culpados aos locais onde viveu ou morreu a sua vítima. Encontrávamos abismos nos seus olhos empapuçados, entrevistados em rápidos vislumbres, de passagem.

Gostávamos, nessa época, de dar nomes românticos a desconhecidos. O garção, por exemplo, que não era sombrio, porém empertigado como um colarinho

alto, passou a se chamar Ivan o Terrível. Vinha para nós, como se não enxergasse o caminho, carregando o mundo na bandeja, sem se dignar olhar para os lados. Tinha essa marcha indiferente, qualquer coisa de implacável. Mesmo assim todo teso, teve que ouvir a nossa absurda pergunta.

— Por que que não prendem esse homem?

Ele relanceou o olhar para fora, pela janela semi-aberta e viu lá fora recortado contra a neblina, dentro da ilha de luz que circundava um poste, o vulto espesso do homem gordo. Suas sobrancelhas deram um pulo para cima e uma delas desceu sozinha, devagar, contrariada.

— Quem?! — e em tom diferente — Por quê?

Oh! Chanda... essas coisas... Por que se suicidou?

O garção não estava preparado para essa pergunta direta. Curvou-se e limpou a mesa como se precisasse dela para permanecer em pé.

— Não se pode saber — respondeu vagamente — Por causa de uns e de outros.

— Por causa dele também?

— Aquele tem idade para ser pai dela — completou um outro.

As sobrancelhas de Ivan o Terrível se projetaram para cima, novamente.

— Mas se ele é o pai dela...

Disse e saiu mais empertigado do que nunca. Alguém tamborilou com as pontas dos dedos na mesa e murmurou:

— Como foi que sonhamos tanta coisa?

Esquisito. Seria o chope o responsável pela nossa sensação de termos diminuído? Sentíamos como deve se sentir uma formiga ao pé de uma bota enlameada, ou subindo penosamente uma parede branca, lisa e alta.

# O COMPRADOR DE FAZENDAS

MONTEIRO LOBATO

Pior fazenda que a “Espiga”, nenhuma. Já arruinara três donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é o que aquilo é!

O detentor último, um David Moreira de Souza, arrematara-a em praça, convicto de negócio da China. Mas já lá andava, também ele, escalavrado de dívidas, coçando a cabeça, num desânimo.

Os cafezais em vara, batidos de pedra ou esturrados de geada ano sim ano não, nunca deram de si colheita de entupir tulha. Os pastos ensapezados, enguanxumados, ensambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortijas, formigantes de carrapatos. Boi entrado ali punha-se logo de costelas à mostra, encaroçado de bernês, triste e dolorido de meter dó.

As capoeiras substitutas das matas nativas revelavam, pela indiscrição das tabocas, a mais safada das terras secas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a cana caiana assumia aspecto de caninha, e esta virava uma taquariça magrela, das que passam incólumes por entre os cilindros moedores.

Piolhavam os cavalos. Os porcos escapos à peste encruavam na magrém faraônica das vacas egípcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das saúvas, dia e noite entregues à tosa dos capins, para que em outubro se toldasse o céu de nuvens de içás, em saracoteios amorosos com enamorados savitus.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas de agregados engoteiradas, combalidas de cumieira, prenunciando feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, aluindo panos de reboco, carcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobília capengante, paredes lagarteadas... Intacto, que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força de sucessivas decepções e, a mais, roído pelo cancro dos juro, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia a coroa da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre dona Isaura, perdido o viço do outono, agrumava no rosto quanta sarda e pé-de-galinha inventam os anos, de mãos dadas à trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saíra-se um pulha, amigo de erguer-se às dez, ensebar a gaforinha até às onze e consumir o resto do dia em namoricos mal-azarados.

Afora este malandro, tinham a Zilda, então nos dezessete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão e pede o sossego dos pais. Era um ler Escrich, a rapariga, e um cismar amores de Espanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo de credores. Coisa difícil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, pôr unhas num tolo das dimensões requeridas. Iludidos por núncios manhosos, alguns pretendentes já haviam abicado à Espiga, mas franziam o nariz, indo-se arrenegar da pernada, sem abrir oferta.

— De graça é caro! — cochichavam de si para consigo.

O redemoinho capilar do Moreira, ao cabo de coçadelas, sugeriu-lhe um engenhoso plano mistificatório: entreverar de caetés, cambarás, unhas-de-vaca e outros padrões de terra boa, transplantados das vizinhanças, a fímbria das capoeiras e uma ou outra entrada acessível aos visitantes. Fê-lo, o maluco, e mais: meteu em certa grotta um pau d’alho trazido da terra roxa, e adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, no suficiente para encobrir a mazela do resto. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vício da terra, ali o alucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta de seu agente de negócios, anunciando novo pretendente: “Você tempere o homem — aconselhava o pirata — e saiba manobrar os padrões, que este cai. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de você espigá-lo com arte de barganhista ladino”.

Preparou-se o Moreira para a empresa. Advertiu primeiro aos agregados para que estivessem a postos, afiadíssimos de língua. Industriados pelo patrão, estes homens respondiam com manha consumada às perguntas dos visitantes, de jeito a transmutar em maravilhas as ruindades locais. Como lhes é suspeita a informação dos proprietários, costumam os pretendentes interrogar à socapa os contraditórios. Ali, se isso acontecia — e acontecia sempre, porque era o Moreira em pessoa o maquinista do acaso — havia diálogos desta ordem:

— Tem geada por aqui?

— Coisinha, e isso mesmo só em ano brabo.

— O feijão dá bem?

— Nossa Senhora! Inda este ano plantei cinco quartas e malhei cinquenta alqueires. E que feijão!



— Berneia o gado?

— Qual o quê! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar, não existe terra melhor. Nem erva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios, e isto virava um fazendão.

Avisados os espoletas, debateram-se à noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o revihar das esperanças emurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a coisa vai! — disse o filho maroto. E declarou necessitar, à sua parte, de três contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se em quê? — perguntou admirado o pai.

— Com armazém de secos e molhados na Volta Redonda.

— Na Volta Redonda?.. Já me estava espantando de uma idéia boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado à gente da Tudinha, não é?

O rapaz, se não corou, calou-se. Tinha razões para isso. Já a mulher queria casa na cidade. De há muito trazia d'olho uma de porta e janela, em certa rua humilde, casa baratinha, de arranjos. Zilda queria um piano, mais caixões e caixões de Escrich.

Dormiram felizes essa noite, e no dia seguinte mandaram cedo à vila em busca de gulodices de hospedagem — manteiga, um queijo, biscoitos. Na manteiga houve debate:

— Não vale a pena — reguingou a mulher. — Sempre são seis mil réis. Antes se comprasse com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— É preciso, filha! Às vezes uma coisa de nada engambela um homem e facilita um negócio. Manteiga é graxa, e a graxa engraxa!

Venceu a manteiga.

Enquanto não vinham os ingredientes, meteu dona Isaura unhas à casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hóspedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitoa manquitola; temperou a massa do pastel de palmito; estava a folheá-la quando:

— Lá vem ele! — gritou Moreira da janela, onde se postara desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binóculo; e sem deixar o posto de observação, foi transmitindo à ocupadíssima esposa os pormenores divisados. — É moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou afinal o homem. Apeou-se. Deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhais Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante, mais que quantos até ali aparecidos. Contou logo mil coisas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama em sua casa — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado num galho de embaúva.

Entrados que foram para a saleta de espera, Zico, incontinenti, grudou-se de ouvido ao buraco da fechadura, a cochichar para as mulheres ocupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando à conversa. Súbito, esganiçou para a irmã, numa careta sugestiva:

— É solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres e sumiu-se. Meia hora depois voltava, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmim. Quem entrasse a essa hora no oratório da fazenda notaria, nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio, a ausência de várias pétalas, e aos pés da imagem uma velinha acesa, pois na roça o “rouge” e o casamento saem do mesmo oratório.

Trancoso dissertava sobre variados temas agrícolas:

— O canastrão? Pff! Raça tardia, meu caro senhor, muito agreste. Eu sou pelo Poland Chine. Também não é mau o Large Black. Mas o Poland! Que preciosidade! Que raça!

Moreira, chucro na matéria, só conhecedor das pelhanças famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam nos pastos, abria insensivelmente a boca pasmada.

— Como em matéria de pecuária bovina — continuava Trancoso — tenho para mim que, de Barreto a Prado, andam todos erradíssimos. Pois não! E-rra-dí-ssi-mos! Nem seleção, nem cruzamento. Quero a adoção i-me-di-a-ta das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pasto? Façamo-lo. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis Brasil confessou-me uma vez...

O Assis Brasil! Aquele homem confessava os mais altos paredros da agricultura! Era íntimo de todos eles — o Antonio Prado, o Luís Pereira Barreto, o Eduardo Cotrim, homens de muita autoridade em assuntos de pecuária. E de ministros!

— Eu já aleguei isso ao José Bezerra...

Nunca se honrara a fazenda com a presença de cavalheiro mais distinto, assim bem relacionado e tão viajado. Falava da Argentina e de Chicago como quem veio ontem de lá. Maravilhoso!

A boca do Moreira abria, abria, e acusava o grau máximo da abertura permitida a ângulos maxilares, quando uma voz feminina anunciou o almoço.

Apresentações.

Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puseram de coração aos pinotes. Também os tiveram a galinha ensopada, o tutu com torresmos, o pastel e até a água do pote.

— Na cidade, senhor Moreira, uma água assim, pura, cristalina, absolutamente potável, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebê-la!

A família entreolhou-se; nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu gozinho, como se naquele instante travassem conhecimento com o precioso néctar. Zico chegou a estalar a língua...

Quem não cabia em si de gozo era dona Isaura. Os elogios à culinária puseram-na rendida. Por metade daquilo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprenda, Zico — cochichava ao filho — o que é educação fina!

Após o café brindado com um “delicioso!”, convidou Moreira o hóspede para um giro a cavalo.

— Impossível, meu caro, não monto em seguida às refeições; dá-me cefalalgia — Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra. — À tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre pelo pomar, a bem do quilo.

Enquanto os dois homens se dirigiram para lá em pausados passos, Zilda e Zico correram ao dicionário.

— Não é com S — disse o rapaz.

— Veja com C — alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra.

— “Dor de cabeça!” Ora! Uma coisa tão simples...

À tarde, no giro a cavalo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto ia vendo, com grande espanto do fazendeiro que, pela primeira vez, ouvia gabos às coisas suas. Os pretendentes em geral malsinam de tudo, com olhos abertos só para defeitos; diante de uma barroca, abrem-se em exclamações quanto ao perigo das terras frouxas; acham más e poucas as águas; se enxergam um boi, não despegam a vista dos bernes.

Trancoso, não: gabava! E quando Moreira, nos trechos mistificados, com dedo trêmulo assinalou os padrões, o moço abriu a boca:

— Caquera? Mas isto é fantástico!

Em face do pau d'alho, culminou-lhe o assombro.

— É maravilhoso o que vejo! Nunca supus encontrar nesta zona vestígios de semelhante árvore! — disse, metendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa, abriu-se com a velha:

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito à minha expectativa. Até pau d'alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Isaura baixou os olhos.

A cena passava-se na varanda. Era noite. Noite trilada de grilos, coaxada de sapos, com muitas estrelas no céu e muita paz na terra. Refestelado numa cadeira preguiçosa, o hóspede transfez o sopor da digestão em quebreira poética.

— Este cricri de grilos, como é encantador! Eu adoro as noites estreladas, o bucólico viver campestre, tão sadio e feliz...

— Mas é muito triste!... — aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra, modulando cavatinas em plena luz? — disse ele, amelaçando a voz. — É que no seu coraçãozinho há qualquer nuvem a sombreá-lo...

Vendo Moreira assim atizado o sentimentalismo, e desta feita passível de consequências matrimoniais, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar:

— Oh, diabo! Não é que eu ia me esquecendo do... — Não disse do quê, nem era preciso. Saiu precipitadamente, deixando-os sós.

Continuou o diálogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! — exclamou Zilda a um regorjeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrelas do céu, ao lado de uma estrela da terra?

— Pobre de mim! — suspirou a menina, palpitante.

Também do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no céu as vezes da Via Láctea, e sua boca murmurou em solilóquio um rabo d'arraia, desses que derrubam meninas:

— O amor!... A Via Láctea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora! Amar, ouvir estrelas... Amai, pois só quem ama entende o que elas dizem.

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina, soube a fino moscatel. Zilda sentiu subir à cabeça um vapor. Quis retribuir. Deu busca aos ramalhetes retóricos da memória, em procura da flor mais bela. Só achou um bogari humílimo:

— Lindo pensamento para um cartão postal!

Ficaram no bogari. O café com bolinhos de frigideira veio interromper o idílio nascente.

Que noite aquela! Dir-se-ia que o anjo da bonança distendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Escrich deglutido. Dona Isaura gozava da possibilidade de casá-la rica. Moreira sonhava quitações de dívidas, com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. Imaginariamente transfeito em comerciante, Zico ficou a noite inteira em sonhos com a gente da Tudinha, que, cativa de tanta gentileza, lhe concedia afinal a ambicionada mão da pequena.

Só Trancoso dormiu o sono das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia imediato visitou o resto da fazenda, cafezais e pastos, examinou criação e benfeitorias. E como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na véspera a pedir quarenta contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a cena do pau d'alho, suspendeu-o mentalmente para quarenta e cinco; findo o exame do gado, já estava em sessenta. E quando foi abordada a magna questão, o velho declarou corajosamente, na voz firme de um *alea jacta est*:

— Sessenta e cinco — e esperou de pé atrás a ventania.

Trancoso, porém, achou razoável o preço.

— Pois não é caro — disse. Está um preço bem mais razoável do que imaginei.

O velho mordeu os lábios e tentou emendar a mão:

— Sessenta e cinco, mas... o gado fora!

— É justo — respondeu Trancoso.

— E... e fora também os porcos!...

— Perfeitamente.

—... e a mobília!

— É natural.

O fazendeiro engasgou. Não tinha mais o que excluir, e confessou-se de si para consigo que era uma cavalgada. Por que não pedira logo oitenta?

Informada do caso, a mulher chamou-o de “pax-vobis”.

— Mas, criatura, por quarenta já era um negócio! — justificou-se o velho.

— Por oitenta seria o dobro. Melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. É do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado. Mas a ânsia de arquitetar castelos com a imprevista dinheirama varreu para longe a nuvem. Zico aproveitou a aura para insistir nos três contos do estabelecimento, e obteve-os. Dona Isaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora outra maior, em rua de procissão — a casa do Eusébio Leite.

— Mas essa é de doze contos — advertiu o marido.

— Mas é outra coisa que não aquele casebre! Muito mais bem repartida. Só não gosto da alcova pegada à copa. Escura...

— Abre-se uma clarabóia.

— Também o quintal precisa de reforma em vez do cercado das galinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o sono, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos últimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu à porta.

— Três contos não bastam, papai. São precisos cinco. Há a armação, de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

Entre dois bocejos o pai concedeu-lhe generosamente seis.

E Zilda? Essa vogava em alto mar de um romance de fadas. Deixemo-la vogar.

Chegou enfim o momento da partida. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa visita, mas interesses de monta o chamavam. A vida do capitalista não é tão livre como parece... Quanto ao negócio, considerava-o quase feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos. Gostara muito da raça de galinhas criadas ali. Também um saco de carás, petisco de que era mui guloso. Levou ainda uma bonita lembrança, o Rosilho do Moreira, o melhor cavalo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios, que o fazendeiro se viu na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lho de presente.

— Vejam vocês! — disse Moreira, resumindo a opinião geral. — Moço, riquíssimo, direitão, instruído como um doutor, e no entanto amável, gentil, incapaz de torcer o focinho, como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

À velha agradara sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo! Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricoço encheu a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a ambicionada resposta. E mais outra. E mais outra ainda.

Escreveu-lhe Moreira, já apreensivo, e nada. Lembrou-se de um parente morador na mesma cidade, e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço, abatia alguma coisa. Dava a fazenda por cinquenta, e até por quarenta, com criação e mobília.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar o envelope, os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquele papel encerrava o destino dos quatro.

Dizia a carta: “Moreira, ou muito me engano ou estás iludido. Não há por aqui nenhum Trancoso Carvalhais, capitalista. Há o Trancosinho, filho da Nha Veva, vulgo Sacatrapo. É um espertalhão que vive de barganhas e sabe iludir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob vários pretextos. Finge-se às vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteá-lo com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra — é um vassoura de marca! — e no melhor da festa some-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só há este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora, o Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça”.

O velho caiu numa cadeira, aparvalhado, com a missiva sobre os joelhos. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e seus olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lágrimas da menina, raiva da velha e cólera dos homens. Zico propôs-se a partir incontinenti na pegada do biltre, a fim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino! O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e ajusto contas.

Pobres castelos! Nada há mais triste que estes repentinos desmoronamentos de ilusões. Os formosos palácios d’Espanha, erigidos durante um mês à custa da mirífica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Isaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como um pé-de-vento através da paineira florida. Caiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens trágicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memória; reviu-se na vítima de todos eles. E dias a fio pensou no suicídio. Por fim, habituou-se a essa idéia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isso de morrer de amores, só em Escrich.

Acaba-se aqui a história. Para a platéia, apenas. Para as torrinhas, segue ainda por meio palmo. As platéias costumam impor umas tantas finuras de bom gosto e tom, muito de rir; entram no teatro depois de começada a peça, e saem mal a ameaça o epílogo.

Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a jeito de aproveitar o rico dinheirinho até ao derradeiro vintém. Nos romances e contos, pedem esmiuçamento completo do enredo; e se o autor, levado por fórmulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticenciada a que chama “nota impressionista”, franzem o nariz. Querem saber — e fazem muito bem — se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem e por quanto.

Sã, humana e respeitabilíssima curiosidade!

Vendeu a fazenda o pobre Moreira? Pesa-me confessá-lo: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebível quiproquó de quantos tem armado neste mundo o diabo. Sim, porque afora o diabo, quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vai a feliz remate o crochê?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé-atrás daquela marca era significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após semanas de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a idéia de meter na administração o sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada



pelo amor da Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, ao Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga, houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança.

— É agora! — berrou o velho. — O ladrão gostou da pândega, e quer repetir a dose. Mas desta feita curo-lhe a balda, ora se curo! — concluiu, esfregando as mãos no antegosto da vingança.

No murcho coração da pálida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de su'alma alvorejou ao luar de um "quem sabe?". Não se atreveu, todavia, a arrostar a cólera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a Santo Antonio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o Rosilho. Desceu Moreira a esperá-lo embaixo da escada, de mãos às costas.

Antes de soffrear as rédeas, já o amável patife abria-se em exclamações:

— Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse, e mal Trancoso, lançando as rédeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatu e rompe-lhe para cima ímpeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessíssimo tranca? Toma, toma fazenda, ladrão! — E lépt, lépt, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadíssimo ex-quase-cunhado.

Dona Isaura atiça-lhe cães:

— Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal-azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira, inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não hás de cair, ladrão de ovo e cará!

E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

# O GRÊMIO

LÉO VAZ

Naquele tempo, em Ararucá, era coisa simples a fundação de um grêmio literário ou de uma sociedade recreativa, dançante, esportiva ou de qualquer outro intuito.

Estava a gente à esquina, nalguma tarde de discussão, versando a arte, a moral, a literatura, a religião, o extremo-oriental e outros assuntos mais ou menos embicantes nos interesses ararucaenses quando a prosa, de repente, numa síncope brotada das nossas opiniões alfinim unanimesadas, morria de todo.

Ficávamos, então, ali, ruminando em silêncio os últimos silogismos, quando algum de nós, de digestão mental mais rápida, irrompia:

— Por que não fundamos um grêmio literário aqui nesta terra?

Os outros, despeitados, inopinadamente concordavam:

— É verdade; por que não fundamos?

— Sim; uma sociedade literária com gabinete de leitura e um salão para conferências. Em Ararucá há elementos: eu, vocês, o Juca da farmácia, o Bernardino do 1º ofício... e quem mais?

— O Maneco.

— Que Maneco?

— O Maneco Borba, da loja do Abrão.

— O quê?... um caixeiro!...

— Sim; ele é caixeiro; mas lê muito. E lê em francês, até!...

— tem, vá lá, o Maneco; mas só ele.

— Pois não.

— Há ainda o Belmiro...

— O das charadas?!...

— Não, Tônico, além das charadas ele faz versos bons. Ainda outro dia mostrou-me um soneto: A Mágoa da Pedra, que...

— Bem, bem o Belmiro também. Mas chega! Já é gente de sobra. Se começamos a enfiar todo o mundo...

Ficava então resolvida a fundação. Era lembrada e logo solicitada para a sessão inicial, a sala do Clube Republicano e o jornal de Ararucá, a “Trombeta”, estampava, na sua primeira sortida, a notícia auspiciosa:

*“Diversos rapazes da nossa melhor sociedade cogitam a fundação de uma associação literária e recreativa, com o louvável fim de promover o desenvolvimento literário e artístico do nosso meio, bem como de estreitar as relações sociais da nossa terra, oferecendo saraus musicais e conferências, a que não há de faltar o apoio do magnânimo povo ararucaense, etc., etc., etc.”*

De fato, na primeira reunião, a sala do Clube enchia-se de gente. O Castro, redator da “Trombeta”, era aclamado presidente provisório e convidava para secretário o Bernardino do 1º ofício. Após o que, expunha os fins da reunião. E depois que os oradores obrigatórios de Ararucá tinham de todo vasculhado o assunto, declarava-se fundada a associação, passando-se a eleger a diretoria de verdade.

Por fim escolhia-se uma comissão para elaborar os Estatutos.

Que delícia o ser-se desta comissão

O seu primeiro gesto, uma vez escolhida, era agradecer a escolha. O segundo era marcar o dia para a reunião elaborativa. Por último, pedia um prazo para a apresentação do trabalho, o que era imediatamente e generosamente cedido, conforme manda a praxe.

Depois disso, a assembléia dispersava-se.

No dia marcado, na salinha que servia de redação à “Trombeta”, reunia-se pela primeira vez o conclave para assentar as leis que regeriam a nova corporação. Cada membro da Comissão levava nos bolsos quantos estatutos de filarmônicas e clubes tinha acaso na gaveta; e, sentados em torno da mesinha, às tesouradas e à goma-arábica, iam alinhando capítulos, artigos, alíneas e parágrafos únicos até que o grêmio todo ficasse ali previsto e combinadas tôdas as penas para os possíveis delitos de diretores e consócios.

E tinham especial encanto aqueles capítulos das competências, nos trechos em que rezavam: “Ao Presidente compete: a)... b)... c)... h)... v)... e todo o alfabeto das competências de cada um dos paredros sociais, presidente, vice, secretário, vice, tesoureiro, vice, procurador, até os simples sócios rasos, sem destaque social.

Estes, contudo, se não tinham atribuições distintas, forravam-se na larga parte que tratava Dos deveres dos sócios, e em que eram enumeradas as severíssimas penalidades que pairavam sobre quem, paredes adentro da sede social, pusesse o pé num galho seco qualquer do regimento.

Pronto o rosário, o 1º ofício passava-o a limpo e no domingo seguinte, nova reunião no Republicano para apresentação das tábuas gravadas no sinal da “Trombeta”.

Ali, o presidente lia a obra, que a assembléia aprovava, sem emendas nem obstrução, mandando que a ata da sessão louvasse condignamente os moisés da Comissão.

Começavam então as sessões brancas, marcadas pela letra dos Estatutos.

Todas as segundas-feiras, na platéia do “Beija-flor- Cinema”, emprestada dos empresários condescendentes, reunia-se a elite ararucaense para assistir às festas do Grêmio. No palco, à frente de todas as jarras apresentáveis de Ararucá e de uma mesa forrada de colcha rica, formava-se a Diretoria, presidindo à cerimônia. Ao lado, atrás duma mesinha e dum copo d’água, o conferente, após a apresentação e as palmas receptivas, lia a sua perlenga, com muito proveito para a cultura daqueles cérebros cheios de boa vontade.

Um a um, todos os intelectuais de Ararucá iam assim conferindo os mais variados e sugestivos temas em palestras que a “Trombeta” estampava, em seguida, para uso da parte do auditório menos favorecida d’acústica.

E os programas comportavam sempre, além da conferência essencial, vários números acessórios de rabeça e recitativos poéticos. A rabeça estava a cargo da D. Marianinha, filha prendada do promotor público, e os recitativos ao de quem quer que tivesse versalhada inédita na gaveta e a desejasse transmitir à posteridade.

Era uma delícia, nos primeiros tempos. Era “o renascimento da cultura municipal”, conforme afirmava a “Trombeta” nos narizes-de-cera com que encabeçava os relatos das artísticas seratas.

Mas aconteceu o que sempre acontece a todos os grêmios em todos os Ararucás do mundo — morreu. E, o que é pior, não morreu de morte natural.

Foi o caso que o Juca da farmácia teimava, nos últimos tempos, em proteger os seus parentes e amigos, reservando-lhes lugares especiais no “Beija-flor”, enquanto que os Estatutos estatuíam muito liberalmente que cada um se apoderasse dos lugares às conferências, à medida que fosse chegando ao salão, o que era uma sábia maneira de reservar os piores para castigo dos retardatários.

Mas o Juca usava o truque de marcar as primeiras filas de cadeiras com os lenços dos seus protegidos, o que, em Ararucá, significava apropriação temporária mas insofismável do móvel. Aliás lhe não cabia o mérito da invenção, pois assim se usava na igreja, em dias de missa de mor procura. Um lenço do coronel Antunes atado ao espaldar de uma cadeira, preservava essa cadeira do contacto de quaisquer outras nádegas que não as do Coronel Antunes. E mesmo que as nádegas assim privilegiadas não comparecessem, lá ficava o lenço a representá-las tácitamente. Era assim em Ararucá e o Juca apenas alargava um velho uso, estendendo-o ao Grêmio.

Era porém contra os Estatutos. E por isso foi convocada uma reunião extraordinária dos sócios, a fim de se fazer prestigiado o seu Código.

Foi essa assembléia o golpe funesto de que veio a morrer o Grêmio.

Comparecidos à sede, encontraram-se os sócios divididos em dois blocos. Um era pela inviolabilidade da lei; outro, pelo respeito ao costume da terra.

A sessão acalorou-se logo de começo. O presidente, lencista, disse que, em princípio, era pela inviolabilidade, mas, como os Estatutos se achavam ao arrepio de uma tradição secular em Ararucá, opinava por que se revogassem esses estatutos rebarbativos e se elaborassem outros mais de acordo com a alma dos ararucaenses.

Os inviolabilistas protestaram. Aquilo seria um precedente perigoso. Assim, sempre se cometeriam todos os abusos imagináveis, pois que para cada um que surgisse, haveria uma nova modificação dos Estatutos...

O presidente replicou que se poderia encartar nos novos uma disposição que os tornasse para sempre invioláveis.

Os outros marraram que não, que não admitiam reforma. Ou ficava tudo como d'antes e o Juca renunciava ao lenço ou deixavam a sociedade.

Foi quando um lencista, perdendo de todo a com- postura, arremessou sobre os adversários este argumento traiçoeiro:

— Vocês são contra o lenço porque moram perto e, quando chegam, apoderam-se dos melhores lugares ao passo que os outros...

Veio o mundo abaixo:

— Tratantes!.

— Tratante é a vó!...

— Os Estatutos...

— Canalha!...

—... vocês que já tiveram conferência o que querem é matar o Grêmio antes que nós..

—... não sejam asnos!...

Venha p'ra rua!...

— Pensa que eu tenho medo de careta!...

— Calma, senhores!...

— Aqui não brigo, que tenho educação

—... poeta de água doce!...

—... para a rua, seo cachorro!...

Vou uma cadeira. Outra mais. Mais outra. Enfim, uma de mor impulso partiu a lâmpada do aposento, deixando os contedores à meia luz que vinha dos postes da rua. Os ânimos não sossegaram, porém, e houve bordoadas de cego, sopapos, safanões, berreiro... o diabo.

O diabo e a polícia. Alguém da vizinhança apitara e o cabo, mais três praças, invadiram o recinto, insulando:

— Ordem, seos moços, que o delegado “hivem”

As trevas foram propícias para a evacuação imediata da liça. Fartos de murros anônimos e com o instinto antipolicial aguçado, lencistas e inviolabilistas safaram-se sorrateiramente.

O patrão do Juca vendeu por muitos dias farta dose de arnica e largos metros de tafetá; e em Ararucá por bom tempo se não falou em grêmios literários recreativos.